

O Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, maio de 2006 - Ano 16 - Nº 41 - R\$ 4,00




Médicos



Carnaval

Mensagem do Prefeito

Registro, em nome de **Araxá**, todo
o reconhecimento e gratidão
aos nossos **médicos** que
fazem da nobre profissão
um exemplo de abnegação, buscando,
através da **saúde**, proporcionar à
comunidade o melhor para o
bem do corpo e, conseqüentemente,
a **felicidade** do espírito.


Antônio Leonardo Lemos Oliveira
Prefeito de Araxá



O TREM DA HISTÓRIA



Prefeitura Municipal de Araxá
Prefeito

Antônio Leonardo Lemos Oliveira



Fundação Cultural Calmon Barreto
Presidente

Magaly Cunha Porfirio Borges

Departamento da Escola de Música
Maestro Elias Porfirio de Azevedo DEM

Maria Leonor Teixeira Lemos

Rosemary de Faria

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações SAPP

Silvana Ap. Alves Borges Batista

Maria Abadia Faria Silva

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Maria Virginia Rios do Amaral Valle

Setor de Patrimônio Cultural - SPC

Cecília Angélica Machado de Paiva

Keyla Barbosa Machado

Setor de Artesanato SA

Terezinha de Oliveira Lemos

Setor de Eventos - SE

Leane Maria de Figueiredo Castro

Fernanda Alves Barcelos

Setor Administrativo-Financeiro SAF

Aparecida Marlúcia de Melo e Costa

Elaine Ap. Oliveira Farnesi Araújo

Jornalista Responsável

Wallace de Resende Torres

Registro: MG-06.343 JP

Secretárias de Redação

Keyla Barbosa Machado

Leane Maria de Figueiredo Castro

Silvana Ap. Alves Borges Batista

Revisão

Antônia Verçosa

Lay-Out e Arte Final

ImagePRO comunicação

Capa

Alessandra Leitão - 1968

Impressão

Gráfica Planeta



Praça Arthur Bernardes, 10 Araxá/MG 38.183-218

Fones: (34) 3691-7091 3691-7092 3691-7164

E-mails: fccb@terra.com.br e barretoaraxa@ig.com.br

As informações contidas nesta revista podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Visitem os sites:

www.usr.cd-graf.com.br/~barreto/

www.araxa.mg.gov.br/secretarias/fccb

NESTA EDIÇÃO

O sacerdócio da Medicina

Médicos araxaenses que atuaram e atuam em Araxá _____

3

Médicos araxaenses que clinicaram fora _____

13

Médicos de fora que clinicaram em Araxá _____

21

Carnaval

A grande festa popular _____

30

Carnavais do Grande Hotel _____

31

Oficina da História

55

PRIMEIRAS PALAVRAS

Por um acaso cultural benfazejo, a rememoração dos fatos e episódios ocorre na lembrança alheia à vontade direta.

Considerando que a história é contada sem a pretensão nítida da imposição de fatos, fica evidenciado que através das amarrações se conhecem e se concretizam novas épocas e se situam outros tempos.

Há que se lembrar que as confluências entre cultura, ciência e arte são um diálogo possível.

Entretanto, em uma pesquisa realizada pela OEI (Organização dos Estados Iberoamericanos) concluiu-se que o conhecimento científico da população apresenta um déficit e que esse é explicado pela escassez de oportunidades de contato com o mundo da ciência, como a falta de instituições nomeadamente científicas (museus, organizações profissionais) e meios de comunicação e de divulgação especializados em ciência e história.

No entanto, o interesse em manter uma correlação do cotidiano das pessoas com relação à cultura, à ciência e à arte ativa a memorização de uma classe profissional que contribuiu de forma relevante para o desenvolvimento de uma cidade.

Nesta edição, a visão é ampliada quando se fala da história articulada com a ciência médica, relatando um pouco da trajetória de cidadãos que fizeram da sua profissão um sacerdócio.

É interessante rever figuras que se preocuparam com a profissão ligada às águas de Araxá. São estudiosos que praticaram com bravura o poder curativo e terapêutico associado ao turismo como opção de lazer.

Nesse contexto, no Barreiro, com a evolução das termas e a construção do "Grande Hotel", novas práticas foram se inserindo na arte. Os memoráveis carnavais dão a tônica da alegria e do saudosismo a muitos.

É previsível que todo esse ingrediente provoque uma excitação da memória, reavivando um clima favorável aos nossos leitores.

INTRODUÇÃO

Essa introdução tem por fim mostrar a razão de se estudar, ao lado das influências não científicas na ciência, a moderna historiografia que se preocupa, a cada dia, com a chamada "ciência periférica", ou seja, a produção científica que aparentemente não participou das correntes principais do desenvolvimento científico ou que foi realizada em locais ou de forma a não exercer influência direta sobre as correntes predominantes na ciência.

Ao lado da crença popular na linearidade do desenvolvimento científico existe, igualmente ingênuo, o considerar os fatores depuradamente racionais, lógicos, "científicos", o motor exclusivo da descoberta e do progresso científico. A ciência é feita por seres humanos numa correlação direta com a história que conta, pontua e identifica as relações, os fatos, os costumes, a religião, a tradição, os valores, enfim, os episódios famosos arrolados ao longo do tempo para demonstrar os estudos.

As raízes históricas da cultura judaica influenciaram, notadamente, a ciência médica.

No fim da Idade Média, os judeus foram expulsos de muitos países do ocidente europeu: França, Inglaterra, Portugal, Espanha. No final do século XIX duas correntes migratórias surgiram como forma de escape à dura existência a que eram submetidos: uma menor foi para a Palestina, sob a inspiração do sionismo, ou seja, o movimento de volta a Zion (designação da pátria judaica) e do socialismo e outra, consideravelmente maior, para a América: Estados Unidos, Canadá, Argentina, Brasil.

O cotidiano das pessoas, aí incluídos os problemas de saúde e doença, está retratado em livros importantes. A medicina sempre foi uma profissão do texto, mesmo numa época em que, inexistindo a imprensa, tais textos eram manuscritos, aliás, considerados preciosidades — muitos deles, ricamente ilustrados. Com olhos críticos, o clínico inglês Sir William Osler chegou a protestar contra o excesso de matéria escrita e dizia: é preciso ler o paciente como um texto.

escrevem e o mesmo faziam os rabinos e filósofos. Daí resultou uma base comum para a associação médico-filosófica.

Ele era bem consciente da precariedade diagnóstica e terapêutica de seu tempo. Sua estratégia era a da prudência.

O papel do médico é manter a saúde e não apenas combater a doença.

Muitos rabinos e filósofos judeus tornaram-se médicos, não tendo a profissão como fonte de renda.

As disputas entre a Igreja e os rabinos foram intensas. Discutia-se quanto o homem tem o direito de intervir na doença, visto que a Igreja admite ser ela o castigo de Deus por seus pecados.

Até o século XVIII, não era hábito pedir ao doente que se despiusse. O diagnóstico dependia basicamente da observação e do raciocínio. O médico ouvia as queixas do paciente, fazia um exame clínico sumário que consistia basicamente em ver a língua, a pele, tomar o pulso, avaliar a temperatura corporal, palpar a região dolorida e olhar a urina. Não havia um diagnóstico etiológico. Prescreviam-se plantas medicinais, purga e, às vezes, sangria. A medicina baseava-se na compaixão e disposição para ajudar o próximo, o que é parte da prática religiosa e, numa dimensão diferente, também da filosofia.

A colonização portuguesa deixou profundas marcas nas práticas médicas populares do Brasil de hoje. A medicina era exercida pelos físicos, cirurgiões e barbeiros, como foram denominados aqueles que sabiam curar e sangrar.

Geralmente estes eram de condições humildes e de pouca instrução, proliferando, assim, o "curandeirismo".

Todos esses profissionais praticavam uma medicina impregnada de religiosidade marcada pela fé cristã, e a medicina era ensinada nos conventos onde, também, os livros

permanência, até hoje, na medicina popular da nomenclatura relativa aos órgãos humanos: bucho (intestino), goela (garganta), bofe (pulmão).

Em Minas Gerais uma pesquisa realizada (1978/87) destaca partes do corpo humano com a mesma nomenclatura acima referida.

A medicina popular de hoje continua a apoiar-se na fé religiosa que reforça o sentimento de culpa e do castigo divino, diante de problemas de saúde. As terapias adotadas são sempre acopladas a orações, penitências, promessas, visando ao merecimento da graça da cura.

Essa religiosidade presente na medicina popular deve-se em parte à herança portuguesa do Brasil, a qual trouxe a crença nas curas milagrosas através da intercessão de santos católicos junto a Deus.

Depois da chegada ao que seria o Brasil, os colonizadores portugueses implantaram o modelo das Santas Casas. No Brasil, Braz Cubas iniciou em 1542, no povoado de São Vicente, a construção da Santa Casa de Misericórdia de Santos. O Hospital de Todos os Santos, o primeiro do país, seria inaugurado no ano seguinte e terminou dando o nome à cidade. Em seguida vieram as do Espírito Santo, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

Em Araxá, a Irmandade da Santa Casa foi fundada em 1885. Foi eleito, em assembleia, como provedor o Sr. Cônego Cassiano Barbosa D'Afonseca Silva. Depois de tantas idas e vindas, em janeiro de 1911, o patrimônio era formado pelo prédio hospitalar, uma casinha no terreno de sua propriedade e 12 apólices da dívida pública averbadas em nome da instituição.

Com o crescimento da cidade novas unidades hospitalares apareceram: Hospital São Marcos, Hospital Dom Bosco, e Promater.

Toda a história científica e cultural tem por fim mostrar a razão de serem estudadas as influências diversas que contribuíram para formação da medicina e a contribuição que os médicos araxaenses deixam como legado à comunidade.



O Sacerdócio da Medicina

Médicos araxaenses que atuaram e atuam em Araxá

ADHEMAR RODRIGUES VALLE JÚNIOR

Criança típica do interior, ficava o período letivo na cidade e as férias na fazenda junto aos familiares.

Durante a faculdade, em Sorocaba, conviveu com o primo Dr. Paulo Almeida Machado de quem adquiriu um Laboratório de Análise Clínica que lhe serviu para custear os estudos.

Após a residência em Pariqueraçu/SP, mudou-se para Bocaina.

Quando morava em Bocaina, seu pai adoeceu e ele resolveu mudar-se para Araxá, a fim de cuidar dele. Passado um ano, chegou à cidade um carro de Bocaina trazendo o prefeito, o presidente da Câmara e o juiz de Direito, pedindo-lhe que voltasse para lá e com propostas financeiras bem superiores às de Araxá.

Agradecido, esclareceu que aquele era o momento de cuidar do pai enfermo.

Tinha como ideal, construir seu próprio Hospital e o realizou: Hospital Regional Dom Bosco.

Seu filho, Adhemar Rodrigues Valle Neto, trilhou os caminhos do pai e hoje é diretor do Hospital.

Um fato pitoresco aconteceu durante sua residência: “Uma jovem acompanhada pelo pai chegou ao consultório queixando-se de forte dor abdominal. Tímido, não teve coragem de pedir para a moça levantar sua blusa devido ao constrangimento que poderia sentir frente a ele e ao próprio pai. Apalpou-lhe o abdômen, por cima da blusa, cuidadosamente, e concluiu que era apendicite. O pai da moça perguntou: apêndice pode aparecer mais de uma vez? porque ela já retirou um”.

Dali para a frente, Dr. Adhemar resolveu que nunca mais apalparia um paciente sem levantar a blusa, pois se o tivesse feito, teria visto a cicatriz. Faleceu em 1987.

Filiação: Adhemar Rodrigues Valle e Amália Porfírio Valle.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 22/07/1930.



Adhemar Rodrigues Valle. Acervo particular.

Onde se formou: Faculdade de Medicina de Sorocaba/SP, 1955.

Local de trabalho: Hospital Regional Dom Bosco.

Casou-se: Therezinha Marth.

Filhos: Ana Cristina Marth Rodrigues Valle e Adhemar Rodrigues Valle Neto.

Especialização: clínico geral.

“A melhor diversão que tenho é o trabalho”

ALONSO DE ÁVILA



Alonso de Ávila. Bacharel em Medicina.

Passou a infância na fazenda, onde iniciou sua educação escolar com um professor particular.

Amante da medicina, procurava sempre se atualizar, estudando e trazendo novidades da época, visando à melhoria da assistência médica local.

Exerceu a medicina geral – clínica, cirúrgica e obstétrica – atendendo adultos e crianças.

Com o objetivo de aprimorar o diagnóstico cardiológico e a cirurgia, Dr. Alonso implantou o eletrocardiograma e a anestesia geral com intubação endotraqueal.

No início da década de 1950 detectou em Araxá os primeiros casos



Alonso de Ávila. S/d. Acervo particular.

de febre amarela e alertou as autoridades sanitárias do Estado para que disponibilizassem vacinas para a população. Inicialmente não acreditaram na gravidade da situação, mas depois de muito empenho, ele conseguiu a liberação das vacinas que permitiram o controle da epidemia iminente.

Não fazia distinção entre pacientes ricos e pobres e os atendia com o mesmo carinho e atenção. Faleceu em 21 de agosto de 1969.

Filiação: José de Ávila e Camélia Santos de Ávila.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 14 de junho de 1922.

Onde se formou: Faculdade de Medicina de Minas Gerais em 1948.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Esposa: Regina Santos de Ávila.

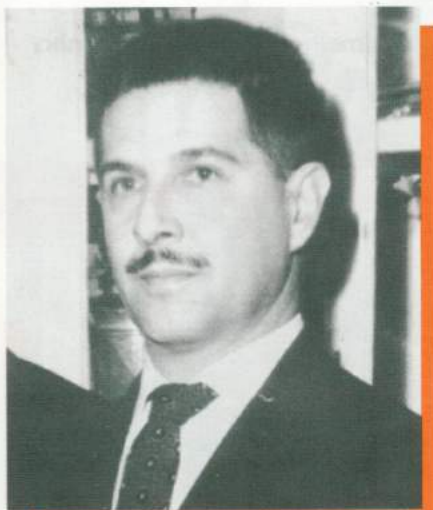
Filhos: Caio, Ivete e Isabela.

Especialização: cirurgia, clínica geral e obstetria.



Da esquerda para a direita: Reginaldo com Reginaldo Jr. no colo, Júlia, Ivete com Isabela no colo, Caio, Solon, Regina, Ivete e Dr. Alonso. 1961. Acervo Ivete de Ávila.

ANTÔNIO DE PAIVA BORGES



Antônio de Paiva Borges. Década de 1960. 0531C/AF/FCCB.

Trabalhou com seu pai e irmãos na atividade agrícola-pastoril até a idade de 12 anos e como "diarista" para o Sr. Saul Carneiro Vale.

Sentindo a necessidade de

Araxá, a convite de sua tia Teolinda.

Em 1937 fez o exame de admissão ao ginásio e foi aprovado em 1º lugar. Não podendo custear seus estudos, conseguiu do então prefeito Dr. Fausto Alvim uma bolsa de estudos. Padre Clóvis Villa-Nova, professor do Colégio Dom Bosco, preferiu oferecer-lhe trabalho em troca das despesas escolares. Trabalhou como faxineiro durante todo o curso ginasial que, naquela época, durava 5 anos.

Terminado o ginásio, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou e freqüentou o científico com o objetivo de ingressar na Faculdade de Medicina. Lá, recebeu uma carta de Ayres Maneira — acadêmico de Medicina e seu ex-colega de grupo e de ginásio — aconselhando-o a se transferir para o Rio de Janeiro, onde havia cursos preparatórios para escolas superiores.

Em 1946 chegou ao Rio de Janeiro. Prestou vestibular e se classificou em 15º lugar entre os 201 candidatos.

especiais dentre elas sua tia Teolinda, Dr. Ayres Maneira que lhe emprestava todos os livros de Medicina e D. Clotilde Maneira que doou a roupa e o anel de formatura que tinham pertencido ao filho Ayres.

Em 1953, voltou para Araxá onde se estabeleceu e exerceu a profissão de médico. Faleceu em 1979.

Filiação: Francisco Rufino Borges e Rita Carneiro de Paiva.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 23 de fevereiro de 1920.

Onde se formou: Faculdade Nacional de Medicina — Rio de Janeiro/RJ, em 1951.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Esposa: Maria do Carmo Dumont.

Filhos: Ayres, Eugênio, Maria Rita, Iracema, Régia, Patrícia, Maria do Carmo e Jacqueline.

Especialização: Cirurgia, Obstetria e Clínica Geral.

Outras atividades: provedor da Santa Casa de Misericórdia de Araxá, vereador municipal.

AYRES MANEIRA

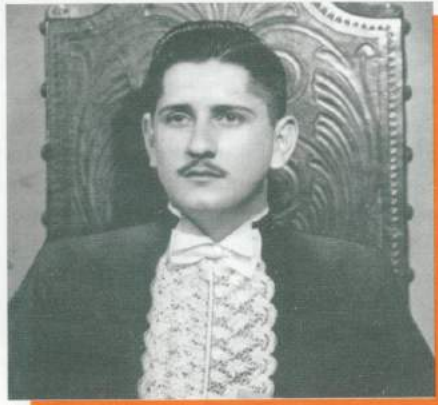
Desde pequeno foi muito estudioso, solidário e preocupado com o sofrimento daqueles que o rodeavam.

Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez vestibular para Medicina e aí fundou a primeira casa para acolher os estudantes pobres e a presidiu por vários anos.

Dedicado aos estudos, fez um curso brilhante e recebeu do presidente Getúlio Vargas uma bolsa para estudar na Argentina.

Depois de formado, voltou para Araxá a convite do médico Pedro Pezzuti.

Sua passagem por Araxá foi



Ayres Maneira. S/d. Acervo da família Edgard Martins Maneira.

breve, mas marcada pela competência e dedicação.

Faleceu em 02 de fevereiro de 1952 e teve seu nome eternizado numa praça próxima à Santa Casa de Misericórdia – local onde trabalhou.

Filiação: José Martins Maneira e Clotilde Gontijo Maneira.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 15/02/1925.

Onde se formou: Faculdade Federal de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro/RJ.

Onde trabalhou: Santa Casa de Misericórdia de Araxá

CÉSAR DE AFFONSECA E SILVA

Fez seus cursos no colégio de Itu/SP e no de Nova Friburgo/RJ. Matriculou-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Depois de formado, abriu sua clínica em Campinas e, posteriormente, transferiu-se para São Paulo.

Faleceu na capital paulista aos 68 anos.

Filiação: Prozolina Porfírio e Sebastião de Affonseca e Silva

Local e data de nascimento: Araxá-MG. 03 de agosto de 1906.

Onde se formou: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 1930

Casado com Maria Luiza Novaes

Filho: César Augusto

CÉSAR DE MESQUITA



César de Mesquita. Década de 2000 Acervo da família

Estudou as primeiras letras no Grupo Escolar Delfim Moreira e logo os colegas começaram a sentir sua liderança.

gínasio, participando de todas as atividades inclusive da Banda do Padre Clóvis como clarinetista e de inúmeras peças teatrais.

Mudou-se para Uberaba e, no Colégio Diocesano, estudou o científico.

Terminado o curso seguiu para Belo Horizonte e ingressou no curso de Medicina.

Fez residência médica no Hospital Vera Cruz em Belo Horizonte.

Em 1959 retorna a Araxá e, durante um ano, clínica na Santa Casa de Misericórdia.

Transfere sua residência para São Gotardo e junto com o também médico José Pessoa funda o Hospital Pio XII. Aí trabalha por vinte anos. Nesse período desenvolveu inúmeras pesquisas científicas, realizou com o Dr. José Pessoa a primeira cirurgia de

Minas Gerais e exerceu uma influente militância política.

Em 1980, retornou a Araxá continuando a exercer a atividade médica e a política. Assumiu o cargo de Secretário Municipal de Saúde e foi eleito Deputado Estadual.

Filiação: Ana Boaventura e Salomão Pereira de Mesquita

Local e data de nascimento: Araxá/MG. 5 de janeiro de 1933.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais em 1956.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá e Hospital Pio XII em São Gotardo

Casado com Lindalva Franco

Filhas: Silvana, Juliana, Patrícia e Marcela

Especialização: Cirurgia Geral

DIMAS FRANÇA



Dimas França bacharel em Medicina. 1962.
Acervo: Ionice Guerra França.

Estimulado pela vontade de crescimento pessoal, dedicou-se aos estudos, optando pela medicina. Formou-se em 1962 e fez residência no Hospital Escola de Uberaba.

Trabalhou, a princípio, no Hospital São Marcos durante 3 anos como anestesista. Transferiu-se para o Hospital Regional Dom Bosco como clínico e anestesista, sendo especializado em pediatria.

Dr. Dimas, uma figura conhecida na cidade entre ricos e pobres, cumpria sua missão profissional com autenticidade benevolente,

conforme relato de sua família.

Faleceu aos 47 anos, no dia 28/11/1968, subitamente, enquanto atendia um paciente no Hospital Dom Bosco. Na sua despedida Dr. Adhemar Rodrigues Valle Júnior e Sr. Hélio Alves Ferreira fizeram pronunciamentos, reconhecendo suas virtudes e enaltecendo sua personalidade.

Filiação: Altamiro e Almerinda França
Local e data de nascimento: Araxá/MG
em 03/12/1921

Onde se formou: Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro (Uberaba)

Locais de trabalho: Hospitais São Marcos e Hospital Regional Dom Bosco (Araxá).

Casado com: Ionice Guerra França

Filhos: Eduardo e Lívia Cristina.

Especialização: clínico, anestesista e pediatra (conforme a necessidade).

“Servir, sem servir-se”



Dimas França e seu professor universitário, Dr. Humberto Ferreira. 07/06/1964.
Acervo: Ionice Guerra França.

EDMAR CUNHA

Na infância e adolescência, residiu na rua do Comércio, hoje Dr. Franklin de Castro. Estudou o primário no Grupo Escolar Delfim Moreira e o ginásio e colegial em Belo Horizonte.

Dedicou-se à pediatria, tendo feito especialização em Buenos Aires (Argentina) e participado de vários congressos.

Após sua formatura veio para Araxá e aqui trabalhou com os médicos Atílio Colombo, Gil Montandon, Armando Zema, Pedro Pezzuti, Mário de Castro Magalhães, Milton Tomasovick, Mário Cecílio Salomão e outros.

Em 21/01/1935, casou-se

03 filhos, Wilma, Rinaldo e Viviane. Dos 07 netos e 06 bisnetos de sua descendência, apenas uma neta seguiu a profissão do avô.

Um fato pitoresco é narrado por Viviane em relação à vida profissional do pai: “Oswaldo Pereira Marques (Vadinho Pereira), próspero comerciante em Araxá, levou suas filhas para uma consulta com o famoso pediatra do Rio de Janeiro, Dr. Rinald de Lamare, autor do livro “A Vida do Bebê”. Durante a consulta o Dr. De Lamare ao saber a procedência de suas pacientes, disse ao Vadinho que ele estava totalmente equivocado em levar suas filhas ao Rio de Janeiro, pois



Dr. Edmar Cunha, bacharel em Medicina.
Acervo: Ionice Guerra França.



José Orlando, Tatiana, Viviane (filha Dr. Edmar) e Edmar. S/d. Acervo: Viviane Cunha Paiva.

Faleceu em 09/07/1962 em Araxá.

Filiação: Garibaldi Cunha e Olga Torres Cunha.
Local e data de nascimento: Araxá/MG em 04/07/1908
Onde se formou: Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1932.
Casou-se: Waldete Santos Cunha
Filhos: Wilma, Rinaldo e Viviane.
Especialização: pediatria.

pediatra que ele conhecia: Dr. Edmar Cunha!"

Exerceu a profissão até o final de sua vida.

Tinha por hábito dizer e escrever em seus livros de estudos.

"Oh Deus, matem-me na vereda que leva à felicidade e aos êxitos reais".



Waldete, Rinaldo (filho Dr. Edmar), Rinara e Juliana. s/d. Acervo: Viviane Cunha Paiva.

EDUARDO AUGUSTO MONTANDON



Eduardo Augusto Montandon. 1860/1865. 0001/AF/FCCB.

Foi o primeiro médico araxaense. Também foi o primeiro a solicitar licença da Câmara Municipal para o exercício da profissão em Araxá.

Sua vida política iniciou-se, quando se elegeu deputado provincial, cargo que exerceu por três legislaturas (1864-1869).

Pelo imperador foi nomeado presidente da Província de Goiás e ocupou o cargo durante, aproximadamente, seis meses, quando foi proclamada a República.

Foi professor da Escola de Farmácia de Ouro Preto e um dos precursores da fundação da Escola Livre de Direito de Minas Gerais da qual foi um dos seus primeiros mestres.

Sendo extremamente religioso, participou da criação da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Conferência de São Vicente de Paulo em Araxá e em Santa Juliana.

Em 1895, junto com outro médico, obteve a concessão para exploração e beneficiamento das águas do Barreiro. Esta concessão foi anulada em 1903 pela Câmara Municipal.

Fundou, junto com os filhos João Jacques, Heitor e José Augusto, o jornal

"O Correio de Araxá" (1913), onde publicou inúmeros artigos denunciando as péssimas condições de higiene da cidade, causadoras de um alto índice de mortalidade e de inúmeras doenças.

Faleceu em Araxá, em 1927, aos 92 anos.

Filiação: Frederico Augusto Montandon e Claudina Maria de Jesus.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 02 de dezembro de 1835.

Onde se formou: Academia de Medicina do Rio de Janeiro/RJ.

Esposa: Brasilina Gonçalves Barbosa.

Filhos: Augusto Eduardo, Alvina Augusta, Antônio Ami, Anna Augusta, Alexandrina, João Jacques, Perciliana, Eduardo Augusto, Heitor, Maria Augusta, José Augusto, Joaquim Augusto, Brasilina, Josephina, Henriqueta, Sancho Augusto e Alfredo Augusto.

ELY SEVERINO DE RESENDE



Dr. Ely Severino de Resende. Bacharel em Medicina. 1963. Acervo Particular.

Nasceu na zona rural de Araxá, onde viveu até os quatro anos. Mudou-se para a cidade em 1943 juntamente com dois irmãos mais velhos e duas irmãs mais novas.

O restante da infância foi comum sem fatos marcantes.

Aos nove anos já ajudava o pai na carpintaria de sua propriedade na rua Misericórdia, hoje rua Dr. Virgílio de Abreu. Nessa época um fato marcou sua vida para sempre e foi o motivo que o fez tornar-se médico. Houve, na carpintaria de seu pai, um acidente que provocou uma lesão interna no abdome de um dos seus irmãos que, após ser operado, faleceu no dia seguinte.

Estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira e no Colégio Dom Bosco em Araxá, no Instituto Gammon em Lavras/MG e no Colégio Santo Antônio em Belo Horizonte. Após aprovação no vestibular, ingressou na UFMG em 1958.

Formou-se em 1963, fez residência médica em cirurgia no serviço do Prof. Mahardas Salvador Nankran e no Pronto Socorro Policial em BH. Em ginecologia e obstetrícia, no Hospital das Clínicas da UFMG e na Maternidade Odete Valadares em BH.

Em 1965 mudou-se para Araxá onde exerce a profissão até hoje.

Em 1965 casou-se com Maria Cristina, nascendo dessa união os filhos Alexandre, Guilherme e Denise. São netos: Isabela, Augusto, João, Cecília e Rafaela.

O filho mais velho, Alexandre, segue hoje a profissão do pai, realizando vários trabalhos em conjunto.

Numa trajetória de 43 anos, viveu momentos de risos e de lágrimas mas, felizmente "poucos de lágrimas e muitos de risos."

Atualmente preside a UNICRED e a UNIMED de Araxá e a FEDERAÇÃO INTRAFEDERATIVA das UNIMEDS do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas.

Filiação: Lázaro Severino Gomes e

Sebastiana Ribeiro Gomes.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 11/06/1939.

Onde se formou: Faculdade de Medicina da UFMG em 1963.

Local de trabalho: consultório particular e Hospital Regional Dom Bosco.

Casado com: Maria Cristina Resende.

Filhos: Alexandre, Guilherme e Denise.

Especialização: cirurgia, ginecologia e obstetrícia



Mérito Profissional concedido pela Academia Mineira de Medicina, 2004. Acervo Particular. 2004.



Da esquerda para direita - Luciana, Dr. Ely com (Cecília) no colo, Eliana, Alexandre, Denise, Marco Antônio e Rafaela no colo. No centro Cristina. Agachados: Guilherme com Isabela, João e Augusto. Outubro/2005 - Acervo Particular.

FERNANDO EUGÊNIO MACHADO



Fernando Eugênio Machado. S/d. Acervo particular.

Viveu sua infância na R. Calimério Guimarães, onde morava junto com os irmãos. As brincadeiras que marcaram época foram muitas: pelada na rua, Tarzan, mocinho e bandido nos quintais de sua casa, da avó e das vizinhas. As férias, costumava passá-las nas fazendas dos amigos.

Estudou o primário no Grupo Escolar Delfim Moreira e o ginásio no Dom Bosco. Participava das partidas de futebol do ATC e do colégio, onde a disputa entre internos e externos era acirrada.

As brincadeiras "dançantes" na casa de amigas e as horas dançantes no Clube Brasil, principalmente nas férias, deixaram boas e fortes recordações.

Cursou o científico no Colégio Estadual de Uberlândia e, mais tarde, Medicina em Belo Horizonte.

Em seu relato, Ana Victória realça o caráter de seu esposo que, desde muito cedo, se mostrava perseverante e obstinado em alcançar suas metas. Alegria, lealdade, senso de justiça e honestidade são traços marcantes de sua personalidade.

A escolha de sua profissão nasceu da convivência com um de seus primos que era médico em Uberlândia.

Fez residência em Cirurgia Geral na Santa Casa de Belo Horizonte.

Foi assistente da cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Ciências Médicas; é membro titular do

colégio de Cirurgia TCBC; membro do Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva; especialista em perícias médicas e judiciais; é membro da Associação Brasileira de Cirurgia Laparoscópica e membro corporativo da Federação Brasileira de Administradores Hospitalares.

Na Santa Casa de Misericórdia de Araxá, exerceu os cargos de diretor clínico, diretor médico e vice-provedor. Atualmente é Chefe do

Departamento de Cirurgia e Chefe de Serviço de Cirurgia.

Dentre tantas pessoas importantes e queridas, Dr. Fernando cita com admiração o Dr. Cássio Santos que, além de amigo, sempre foi um mestre muito presente nas lições de sua vida.

Um dos fatos pitorescos ocorridos na profissão: Dr. Fernando se recorda de uma mãe aflita que chegou com a filha que dizia estar com cólica renal. Mais tarde voltou para casa com uma linda neta nos braços.

Uma frase sempre dita por Dr. Fernando:

"Para ser realmente médico, é preciso, antes, ser homem".

Filiação: Joaquim de Paula Machado e Maria Abadia Machado

Local e data de nascimento: Araxá/MG.

Onde se formou: Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais em Belo Horizonte.

Locais de trabalho: Pronto Socorro Municipal de Belo Horizonte, Santa Casa de Misericórdia de Araxá e INSS (Araxá). Casou-se: Ana Victória Cabral Machado Filhos: Luís Gustavo, Fernando Eugênio, Ana Carolina e Maria Eugênia.

Especialização: clínico-geral e obstetria.



Da esquerda para a direita: Fernando Eugênio, Dr. Fernando, Maria Eugênia, Ana Victória, Ana Carolina, Luiz Gustavo. S/d. Acervo particular.

HEITOR AUGUSTO MONTANDON

Durante a infância foi cercado de carinho e cuidados. Na adolescência já manifestava seu interesse exacerbado pelos estudos.

Aos 12 anos concluiu o curso preliminar com excelentes notas, mudando-se em seguida para São Paulo a fim de estudar com professores particulares.

Aos 16 anos preparou-se para ingressar na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Escolheu esse curso devido à atração irresistível que sentia pela cura.

Dedicado aos estudos apresentou à Faculdade uma tese com o título: "Dissertação da Percussão Cardíaca", em um volume de 103 páginas.

Era clínico geral porque no interior o médico tinha que atender as diversas áreas.

Esteve em Paris, em alguns hospitais, na busca de novos conhecimentos.

Chegou a criar diversas fórmulas medicinais, sobressaindo-se, profissionalmente, pelos vários serviços prestados à sociedade.

Era maçom, foi prefeito de Araxá e componente do corpo clínico da Santa Casa. Trabalhou nas Thermas do Grande Hotel do Barreiro e no Lactário e, além de ter sido delegado da Higiene, atendia em sua clínica particular.



Dr. Heitor e Adélia Montandon Ribeiro. Acervo: Maria Célia Montandon França.

Seus contemporâneos profissionais eram: Dr. Mário Magalhães, Dr. Hugo Levy, Dr. Pedro Pezzuti etc.

Os antepassados de Dr. Heitor eram franceses, por isso ele chegou a encaminhar ao consulado da França uma carta disponibilizando seus serviços médicos durante a guerra.

Dr. Heitor, segundo sua neta Maria Célia, tinha no fundo da alma muita sensibilidade que expunha em versos.

Sua profissão foi marcada pela caridade, pois tinha como lema "Fazer o bem sem olhar a quem". Dedicou sua vida à profissão e à família. Criou os netos que ficaram órfãos ainda crianças. Faleceu na

década de 1950.

Filiação: Eduardo Augusto Montandon e Brasilina Gonçalves Montandon

Local e data de nascimento: Araxá em 1877.

Onde se formou: Escola de Medicina do Rio de Janeiro em 1898.

Locais de trabalho: Santa Casa de Misericórdia, Thermas do Grande Hotel do Barreiro e Lactário.

Casou-se: Adélia Montandon Ribeiro

Filhos: César e Célia

Especialização: clínico geral

Outras atividades: prefeito.

JORGE FERES



Jorge Feres, bacharel em Medicina. 1963. Acervo: Selma Rios Feres.

Filho de imigrantes libaneses, é o caçula de 6 irmãos.

Em Uberaba, prestou o vestibular na Faculdade de Medicina, na época, particular. Ficou como excedente.

Ele e seus companheiros, excedentes, foram para o Rio de Janeiro – capital federal – tentar um encontro com o presidente Juscelino Kubitschek a fim de conseguir a federalização da faculdade e o aumento do número de vagas.

Depois de quase um mês de permanência no Rio de Janeiro, conseguiram falar com o presidente e alcançaram o objetivo – federalização da faculdade e o aumento de vagas. Foi o orador de despedida da turma.

Durante a sua vida profissional exerceu os seguintes cargos: Médico-assistente e Chefe de Serviço da Associação de Assistência Social da Santa Casa de Misericórdia, Diretor-clínico da Santa Casa, Médico Sanitarista, Diretor-clínico do "Centro de Apoio Médico" da Hidrominas, Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Araxá, Médico-assistente do INSS, Médico da CBMM.

Atuou também na política, sendo eleito, em 1982, o vereador mais votado. Reeleito em 1986, ocupou a Presidência da Câmara. Na sua primeira gestão, dois projetos importantes de sua autoria: criação das primeiras unidades de saúde – os famosos postinhos – e do COMBEM – Conselho Municipal do Bem-Estar do Menor (atual PCA – Proteção da Criança e do Adolescente). Em 1992, assumiu a Secretaria Municipal de Saúde e criou a Policlínica que permitia o acesso da população mais carente a todas as especialidades médicas da época. Participou ativamente da criação do IPREMA.

Ao longo de sua carreira recebeu inúmeras condecorações.

Por motivos de saúde deixou, em 2004, de clinicar em seu consultório particular, passando a atender somente os familiares, em sua residência. Atuante, Dr. Jorge continua participando da vida

pública, ministrando cursos, palestras e presidindo o Conselho Municipal do Idoso.

Filiação: Miguel Jorge Feres e Burbara Miguel Jorge.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 25/08/1932.

Onde se formou: Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro em 1963.

Onde trabalhou: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Casado com Selma Maria Rios Feres.

Filhos: Érico, Loren e Rodrigo.

Especialização: ginecologia e obstetria.

Outras atividades: bancário, vereador e secretário municipal.



Em pé, da esquerda para a direita: Érico, Karla, Lucas, Solange e Rodrigo. Sentados, da esquerda para direita: Dr. Jorge com Arthur no colo, Selma com Thaís no colo.

MARCÍLIO LEONARDO TEIXEIRA

Foi criado na Fazenda das Amoras, município de Ibiá. Teve uma infância simples e muito saudável no ambiente do campo em companhia de seus pais e irmãos.

Na idade escolar veio para Araxá e estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira e, posteriormente, no Colégio Dom Bosco.

Mudou-se para Belo Horizonte onde cursou o científico no Colégio Santo Antônio. Prestou vestibular para Medicina e, a partir do 3º ano, passou a trabalhar com o cirurgião Dr. Mardhas Salvador Nankran no Hospital São Sebastião.

Depois de formado veio para Araxá, a convite do Dr. Adhemar



Marcílio Leonardo Teixeira. 1967. Acervo: Maria Leonor Teixeira Lemos.

Rodrigues Valle Jr., trabalhar no Hospital Regional Dom Bosco. Aos 64 anos, continua exercendo a profissão.

Filiação: Tibúrcio Afonso Teixeira e Maria Santos Teixeira

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 01/02/1942

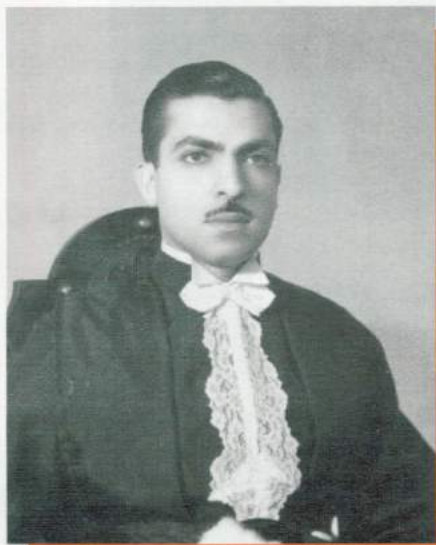
Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais

Local de trabalho: Hospital Regional Dom Bosco.

Casou-se: Maria José Goulart (primeiras núpcias) e com Heloísa Cecília Trindade (segundas núpcias)

Filhos: Daniela, Marcílio Júnior e Lorena
Especialização: obstetria.

MÁRIO CECÍLIO SALOMÃO



Mário Cecílio Salomão. 1949. 05190/AF/FCCB.

Filho de imigrantes árabes integrou a primeira turma de formandos do "Ginásio Dom Bosco".

Prestou assistência médica ao DER – Departamento de Estradas de Rodagem, ao Tiro de Guerra, ao INPS e seu nome consta como um dos fundadores do Hospital Regional Dom Bosco.

Ingressou na política, elegendose vereador por dois mandatos.

Fundou a "Associação dos Alcoólicos Anônimos de Araxá". Foi membro da Academia Araxaense de Letras.

Como cristão ocupou, por várias vezes, a direção dos Cursos da Cristandade e foi Ministro da Eucaristia.

Mudou-se para Brasília e lá exerceu o cargo de Diretor do Serviço Médico do Ministério do Trabalho, cargo que ocupou

até os últimos dias de sua vida.

Faleceu no dia 05 de março de 1987 e seu sepultamento aconteceu em Araxá, conforme seu desejo.

Filiação: Cecílio José Salomão e Felícia Salomão.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 24 de julho de 1918.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais.

Locais de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá, Hospital de Base e Hospital Santa Lúcia, em Brasília/DF.

Esposa: Yara Marília Cecílio Cunha.

Filhos: Mário Cecílio, Terezinha Marília, José Roberto, Danilo e Cristiane.

Especialização: Clínica Geral, Cirurgia e Cardiologia.

Outras atividades: vereador e diretor da Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

MILTON TOMASOVICH

Aos 5 anos ficou órfão de mãe e foi criado sob os cuidados do pai, da avó e da tia maternas.

Formado em medicina, durante algum tempo clinicou em Campina Verde/MG e, em 1949, voltou para Araxá e tornou-se médico no Barreiro.

Nos consultórios instalados nas Termas e no Hotel da Previdência, atendeu, durante 45 anos, as maiores autoridades políticas, científicas, religiosas, empresariais e desportistas do país.

Durante a vida dedicou-se a três hobbies: música, motociclismo e tênis. Faleceu em Araxá no dia 11 de maio de 1998.

Filiação: Marcos Tomasovich e Ondina Pacheco.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 09 de julho de 1920.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais.

Locais de trabalho: Termas do Barreiro, Hotel da Previdência e consultório situado na rua Boa Vista, hoje, Pres. Olegário Maciel.

Esposa: Terezinha de Abreu.

Filhos: Maria Josephina, Ondina, Marcos Rodolfo e Milton Júnior.

Especialização: Diabetes na "Harvard Medical School" em Boston, Massachussets.



Da esquerda para direita: A criança Sergio Jr., Ondina, Milton Júnior, Terezinha, Dr. Milton e Marcos Rodolfo.

TIBÚRCIO AFONSO TEIXEIRA



Tibúrcio. Dez./1935. Acervo: Bernadete de Lourdes Resende Teixeira.

Foi criado na fazenda Boa Vista e ficou órfão aos 9 anos.

Seu tio e vizinho — Dr. Pedro Pezzuti — foi quem o influenciou a estudar medicina.

Iniciou o curso em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais e, posteriormente, se transferiu para a Faculdade Federal de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro.

Depois de formado voltou para Araxá e, junto com o colega Dr. Ferreira, abriu um laboratório de análises clínicas.

Por volta de 1942, mudou-se com a família para a fazenda com o objetivo de cuidar do patrimônio herdado dos

pais e aí desenvolveu um trabalho de assistência médica para todos os moradores da região.

Filiação: Antônio Afonso Teixeira e Ana Cândida de Ávila.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 12 de dezembro de 1911.

Onde se formou: Faculdade Federal de

Medicina da Praia Vermelha, Rio de Janeiro/RJ em 1935.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Esposa: Maria Santos Teixeira.

Filhos: Ana Alice, Antônio Leonardo, Marcílio Leonardo, Maria Leonor e Vitor Leonardo

Especialização: diabetes.



Tibúrcio, em trabalho. Acervo: Bernadete de Lourdes Resende Teixeira.

WALTER BITTAR

Em Belo Horizonte cursou o científico no Colégio Arnaldo, onde se preparou para ingressar na medicina, sonho que acalentava desde criança.

Nessa cidade fez residência no Hospital da Baleia com o Dr. Henrique da Mata Machado.

Logo após a formatura retornou a Araxá, onde exerceu sua profissão. A paixão pela Medicina rendeu-lhe grande estima junto aos mais humildes que atendia sempre com a mesma dedicação. Participou da vida política da cidade, elegendo-se vereador e depois vice-prefeito na chapa de Heli França.

Em 1959, a convite de seu irmão Paulo Danilo, mudou-se para Goiânia, onde construiu o Hospital Santana, inaugurado em 1962.

Em 1965, perdeu a visão esquerda e deixou de fazer cirurgias, passando somente a clinicar. Esta situação o deixava angustiado e, por isso, resolveu ingressar no ramo de construção civil.

Faleceu em 6 de março de 1988.

Filiação: Salim Bittar e Helena Chaer.



Walter Bittar. S./d. Acervo: Maria da Conceição Bittar.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 17 de dezembro de 1926.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais em 1951.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Casado: Maria da Conceição Bittar (Lia).

Filhos: Maria Cristina, Salim Rogério, Walter Maurício, Paula Valéria, Patrícia Suraia e Luiz Henrique.

Especialização: cirurgia e clínica geral.

Outras atividades: vereador, vice-prefeito e construtor.



Walter Bittar entre os doutorandos da UMG. 1951. Acervo: Maria da Conceição Bittar.

Médicos araxaenses que clinicaram fora

ASTOLFO ARAÚJO



Astolfo Araújo. S/d. Acervo Henrique Braga de Araújo

Formou-se na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro em 1931.

Em Araxá trabalhou como pediatra e clínico geral por 6 meses. Foi para o Prata recomendado pelo Sr. Armando Santos. Nessa cidade iniciou a carreira política, tendo sido vereador, presidente da Câmara e prefeito durante 7 anos. Sigismundo Novaes o colocou como Chefe do Posto de Saúde do Prata.

Em 1944 mudou-se para Barretos, onde clinicou até 1956. Aí

também foi vereador e presidente da Câmara.

Em 1947 fez, em São Paulo, o curso de Cardiologia com Dante Pazanezze. Como cardiologista exerceu a profissão. Mudou-se para São Paulo no final de 1956. Em 1957 ingressou no recém-criado Instituto de Cardiologia do estado de São Paulo, aí permanecendo até se aposentar como Diretor Técnico em 1970.

Foi deputado estadual por São Paulo.

Duas vezes foi chamado ao

Rio de Janeiro para atender Juscelino Kubitschek.

Em São Paulo, a colônia araxaense, quando necessitava de tratamento médico, era recebida com muita atenção pelo Dr. Astolfo.

Faleceu em julho de 1976.

Filiação: Marciano Araújo e Maria Luíza Santos Araújo

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 16/03/1907

Onde se formou: Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro

Locais de trabalho: Posto de Saúde do Prata, Instituto de Cardiologia do Estado de São Paulo.

Casou-se: Zuleika de Carvalho

Filhos: Arnaldo, Lauro, Lúcio, Maria Luíza (Isa), Antônio Carlos, Maria de Fátima e, ainda, José Carlos, Jairo, Jarbas e Ana Lúcia (in memoriam)

Outras atividades: vereador, prefeito e deputado estadual.



Família Marciano José Araújo e Maria Luíza Santos Araújo. Acervo: Isa Braga de Araújo. Em pé: Alvaro, Altamir, Astolfo, Agenério, Aurílio, Air. Sentados: Arnaldo, Amália, Armênia e Agenor. Acervo: Henrique Braga de Araújo.

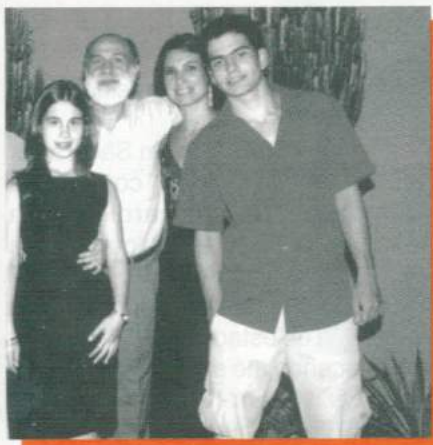
CARLOS ARMANDO DE ÁVILA

Seu nome foi uma homenagem aos avós Carlos de Ávila Neto e Armando Santos.

Numa época em que existiam poucas faculdades e os vestibulares eram praticamente concomitantes, foi aprovado em Medicina na então recém-criada Universidade de Brasília (UnB).

Fez residência médica no Hospital dos Servidores do Estado de São Paulo onde começou e, ainda, continua trabalhando como médico infectologista. Atende também seus pacientes na Clínica "Imune".

Ronan Soares, araxaense, jornalista radicado no Rio de Janeiro,



Da esquerda para a direita: Júlia, Carlos Armando, Angélica e Gregório.



Da esquerda para a direita: Carlos, Carlos Armando, Maria do Rosário, Eduardo e Maria Isabel.

escreveu um pequeno trecho sobre o amigo:

"Tenho um amigo que é médico, um médico muito especial, que já curou muitas doenças minhas e de minha família, é respeitado e admirado, mas é um insatisfeito. Imaginem que este meu amigo, o Tanando, gostaria de curar dois doentes muito difíceis: o nosso povo e o nosso país. Desde a adolescência em Araxá, mais tarde em Brasília, estudando medicina, e nos últimos anos em São Paulo, em Hospitais e Clínicas, esta é a imagem que ele deixa: insatisfação. Não contente com o que aprendeu na Faculdade, passa a vida pesquisando e

estudando. Não contente em curar, vive recomendando vacinas, para que as pessoas não venham a adoecer. Não contente em tratar, ele ensina como prevenir – ora dizendo que o alimento faz mal para o coração, ora fazendo um sermão contra o cigarro(...)."

Filiação: Carlos de Ávila Júnior e Maria do Rosário Ávila

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 12/01/1940

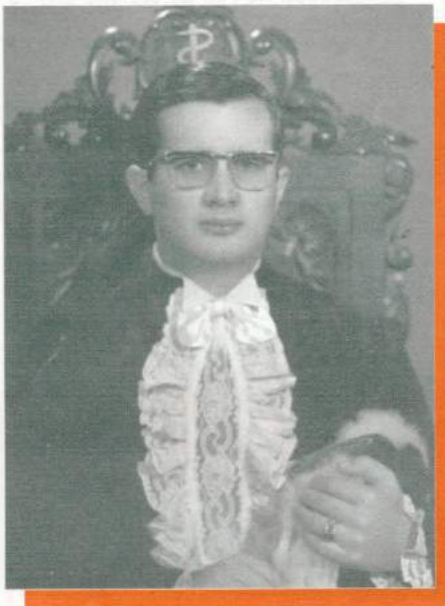
Onde se formou: Universidade de Brasília (UnB) em 1970

Especialização: Infectologia

Casado com: Angélica Primi

Filhos: Gregório e Júlia

CHRISTIANO FAUSTO BARSANTE SANTOS



Christiano, bacharel em Medicina. 1966. Acervo particular.

Teve uma infância muito tranqüila, em Araxá. Dedicou-se aos estudos e à prática de esportes — natação e futebol — já que, naquela época, não contava com televisão e outros brinquedos diferenciados.

Aos 15 anos estudou em Uberlândia. Naquela ocasião não havia em Araxá, curso científico. Período de difícil adaptação, porém contando sempre com o apoio dos pais.

Estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira, Colégio Dom Bosco, Colégio Estadual de Uberlândia,

Colégio Triângulo Mineiro em Uberaba. Kursou medicina em Uberaba, na Faculdade Federal de Medicina do Triângulo, hoje Universidade Federal de Uberaba, no período de 1964 a 1966. Transferiu-se para Belo Horizonte. Fez residência no Hospital São Geraldo UFMG de 1967 a 1969.

Especializou-se em Oftalmologia, principalmente na área de Retina e Vítreo. Estagiou nos Estados Unidos, França, Inglaterra,

que também é oftalmologista e trabalha com o pai.

Casou-se em segundas núpcias com Melânia de Ávila há 22 anos e têm 3 filhos: Estefânia, Christiano e Kalina.

Filiação: Christiano Barsante Santos e Sylvia de Almeida Barsante.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 14/01/1941.

Onde se formou: Faculdade de Medicina do Triângulo, hoje



Vêm-se à frente: Dr. Christiano, Melânia e Kalina. Ao fundo vêem-se Christiano Filho e Estefânia. Dez./2005. Acervo particular.



Christiano e sua filha Daniella. 2005. Acervo particular.

Alemanha e Japão.

Trabalhou no Hospital São Geraldo e, depois, a convite do professor Hilton Rocha, foi trabalhar diretamente com ele como assistente pessoal no Instituto e Fundação Hilton Rocha a partir de 1969.

Esse convite foi um divisor de águas em sua vida profissional: ele, de discípulo de Dr. Hilton, passou a ser seu assistente direto.

Casou-se em primeiras núpcias com Maria Cândida Rocha em 1969. Tiveram uma filha, Daniella,

Universidade Federal de Uberaba.

Locais de trabalho: Hospital São Geraldo, Instituto e Fundação Hilton Rocha.

Casou-se: primeiras núpcias com Maria Cândida Rocha.

Tiveram uma filha: Daniela.

Segundas núpcias com Melânia de Ávila.

Tiveram 3 filhos: Estefânia, Christiano e Kalina.

Especialidade: Oftalmologia.

Outras atividades: professor.

"Tudo passa"

FRANCISCO PEREIRA VALLE



Francisco Pereira Valle. S/D. Acervo Beatriz Pereira de Almeida.

Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Delfim Moreira e frequentou ginásio no Colégio Marista de Uberaba, onde ficou interno.

Mudou-se para o Rio de Janeiro onde cursou a Faculdade de Medicina.

Clinicou nas cidades de Goiandira/GO, Araxá e Belo Horizonte, ambas em Minas Gerais. No Rio de Janeiro se estabeleceu definitivamente.

Estudioso, foi um excelente clínico geral.

Tinha o pendor para a música, tocava piano e flauta. Deixou dezenas de

composições, dos mais variados gêneros. Dentre elas destaca-se a valsa "Saudades de Araxá".

Faleceu no Rio de Janeiro em 18 de fevereiro de 1973.

Filiação: Adélia Rodrigues Valle e Terêncio Pereira de Rezende

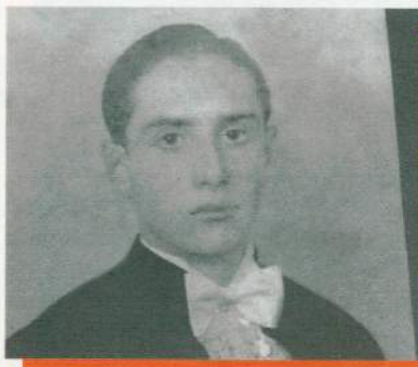
Local e data de nascimento: Araxá/MG. 18 de setembro de

Onde se formou: Faculdade de Medicina de Praia Vermelha no Rio de Janeiro

Casado com Eleonor Silva Couto

Especialização: Clínica Geral

HELVÉCIO TORRES CUNHA



Helvécio Cunha bacharel em Medicina. 08/12/1934. Acervo: Nícia Cunha.

Era o terceiro entre cinco irmãos. Estudou em Araxá e, por incentivo dos irmãos mais velhos Dr. Danilo Cunha (advogado) e Dr. Edmar Cunha (médico), decidiu estudar medicina. Formou-se aos 23 anos.

Iniciou sua vida profissional em Divinópolis/MG. Ficou lá por poucos meses, transferindo-se, em fins de 1935, para Santa Juliana/MG, onde clinicou por 35 anos.

Não era religioso. Às vezes falava em Deus, mas sempre dizia que a vida acaba na cova. Quase sempre, além de não cobrar consultas, fornecia os medicamentos de amostra grátis.

Trabalhou muito em favor dos hansenianos (leprosos) daquela região. Atendia-os pessoalmente, em condições de higiene precárias e ainda conscientizava toda a família. Contava sempre com a ajuda da mulher, Carmelita, que ele mesmo treinara para atuar como sua enfermeira e até mesmo como anestesista.

Um fato pitoresco é lembrado

por sua filha: "certa vez, sozinho, foi atender uma parturiente em estado grave, chamado pela família da mulher. Chegando à casa, foi recebido pelo marido, pessoa ignorante, que não queria que sua mulher fosse atendida por um homem, ainda que médico. De espingarda em punho, ameaçou-o de morte, afirmando que, se pusesse a mão na mulher e ela morresse, ele, o médico, morreria também. Aparentando calma, foi conversando com o marido até descobrir se ele sabia ler. Assim disse que precisava que um mensageiro fosse até a cidade buscar um remédio mais forte para dor. No bloco do receituário enviado à Farmácia do Aziz Chaer, rabiscou: 'Aziz: Por favor, venha rapidamente, com o portador, para ajudar-me. O marido da parturiente está furioso, quer me matar'. Aziz e um de seus filhos atenderam o seu chamado e acabaram por encantar e imobilizar o

homem, tomando-lhe a arma. No fim salvaram-se todos: mulher, criança e médico".

Apreciava qualquer tipo de expressão artística como pintura, música, teatro. Levou até Santa Juliana o primeiro rádio e a primeira geladeira. Construiu o primeiro cinema da cidade e colocava crianças carentes lá, dizendo que os jovens precisavam enxergar outros horizontes.

Através de um sistema de som da Igreja, circulou pela cidade a notícia de sua morte. As pessoas saíram às ruas, rezavam nas calçadas, choravam e lamentavam a perda de seu protetor.

No seu enterro, em 11/12/1970, um médico santajulianense, Dr. Sebastião Teotônio Resende, filho de amigos seus, que o conhecia desde menino, homenageou-o com uma breve saudação: "O Sr. Dr.



Da esquerda para a direita: Manoel e Nair Avelar, Dolor e Auta Avelar, os noivos Nícia e Reginaldo, Claudionor e Amélia Avelar, Celme Drummond, Helvécio e Carmelita Cunha. As crianças: a menor Sandra Avelar (filha de Claudionor e Amélia) e a maior, Lígia Cunha (filha de Helvécio e Carmelita). S/d. Acervo: Nícia Cunha.



Edmar, Danilo, Helvécio, e Celme. 1915. Acervo: Magaly Cunha Porfírio.

Helvécio foi um bandeirante, um pioneiro. Mas não se embrenhou no mato em busca de esmeraldas; ao contrário, levou a esmeralda de seu anel de médico, em favor dos pobres..."

Dr. Helvécio costumava dizer: "Quem não serve para servir, não serve para viver"

Filiação: Garibaldi Cunha e Olga Torres Cunha

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 02/05/1911

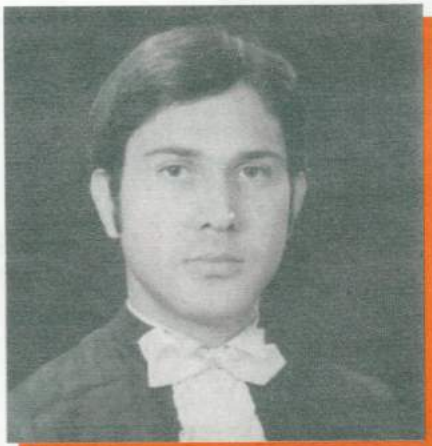
Onde se formou: Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, 1934

Esposa: Camelita Cunha

Filhas: Nícia e Lígia Cunha

Especialização: Dizia-se médico de roça, generalista. Só não era cirurgião.

HOMERO GUSMÃO DE ALMEIDA



Homero Gusmão de Almeida. 1970. Acervo particular.

Submeteu-se ao vestibular de Medicina em 1966. Obteve classificação na Faculdade de Ciências Médicas de MG e na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Fez o curso de Especialização em Oftalmologia na Faculdade de Medicina da UFMG em 1972.

Em julho de 1977, defendeu tese para o grau de "Doutor em Medicina" e, em agosto, seguiu para Londres como bolsista do CNPq — Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico — a fim de fazer o Curso de Pós-Doutoramento. Trabalhou com o professor E. S. Perkins, por seis meses, no Institute of Ophthalmology investigando a relação entre refração, diâmetros oculares e glaucomas. No "Moorfields Eye Hospital" trabalhou na

Unidade de Glaucoma por 18 meses e freqüentou diversos outros departamentos.

Em setembro de 1979, durante duas semanas, estagiou em Moscou, no Laboratório de Problemas Experimentais e Clínicas da Cirurgia Ocular.

É Professor Adjunto da Clínica Oftalmológica da Faculdade de Medicina da UFMG e também Coordenador do Curso de Oftalmologia (graduação).

Ocupou cargos acadêmicos em associações médicas. Recebeu homenagens e prêmios pelos relevantes serviços prestados na área de Oftalmologia.

Desde janeiro de 1992

trabalha no Instituto de Olhos de Belo Horizonte — instituição que idealizou e construiu junto com os sócios Drs. Cleber Godinho e Elisabete Ribeiro Gonçalves. É Diretor Geral e também ocupa o cargo de Chefe dos Departamentos de Glaucoma e de Catarata.

Filiação: Gaudêncio Ignácio de Almeida e Anna Pinto de Almeida

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 11/01/47.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais em 08/12/70

Esposa:

Filhos: Julie Anna e Anna Carlinda.

Especialização: Oftalmologia.

Onde trabalhou: Instituto Hilton Rocha



Homero, a esposa Mariana, as filhas Julie, Anna e Anna Carlinda e a neta Maria Eduarda. S/d. Acervo particular.

HILDA TALARICO

Cursou o primário na Escola Estadual Delfim Moreira, o ginásial no Colégio Nossa Senhora das Dores em Uberaba e o científico no Colégio Sacré Coeur de marie em Belo Horizonte.

Ingressou na Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, formando-se em Medicina em 1952. Fez residência na Santa Casa de Misericórdia de BH. Especializou-se em Medicina do Trabalho na Faculdade de Ciências Médicas de BH.

Casou-se com o Dr. Sebastião Afonso do Prado e tiveram 05 filhos: Eduardo, Vânia, Alexandre, Patrícia e Silvana.

Um neto seguiu a profissão da avó.

Apesar de não ter exercido a



Hilda Talarico- Bacharel em Medicina, 1952.

profissão aqui, Hilda foi a primeira mulher araxaense a se tornar médica.

Trabalhou em vários locais como: Pronto Socorro (atual João XXIII), Hospital São Vicente (atual Hospital das Clínicas), Santa Casa de Misericórdia, Hospital São Lucas e Promater todos em Belo Horizonte e, ainda, em São João del Rey e cidades próximas como Tiradentes.

Depois de 50 anos de formada, aposentou-se com a alegria de ter cumprido com vontade sua profissão.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte.

Local e data de nascimento: Araxá-02/12/1928

Filhos: Eduardo, Vânia, Alexandre, Patrícia e Silvana.

JAIRO RODRIGUES VALLE

Viveu na fazenda de seus pais até os seis anos de idade.

No Rio de Janeiro fez o curso complementar pré-médico após o qual prestou o vestibular e foi classificado em 18º entre 600 candidatos.

Fez residência médica no Instituto Fernandes Figueira – pioneiro da residência pediátrica no Brasil — e no Hospital dos Servidores do Estado, onde prestou concurso para médico efetivo de Pediatria. Foi efetivado em 1949 no Rio de Janeiro.

Ocupou cargos de chefia no Hospital dos Servidores do Estado e na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. É membro titular e emérito da Academia Fluminense de Medicina e da Academia Brasileira de Medicina de Reabilitação, membro correspondente da Academia Cearense de Medicina, membro da "American Academy of Pediatrics".

Teve publicados os livros "O Coma na Infância", "Manifestações

Neurológicas nas Hemopatias Infantis", "Biografia de Luiz Torres Barbosa" e "Genealogia da Família Rodrigues Valle".

Filiação: Sebastião Rodrigues Valle e Maria José Porfírio Valle.

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 15 de setembro de 1920.

Onde se formou: Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil em 1944.

Locais de trabalho: Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro e Hospital São Zacharias.

Esposas: Thereza Beatriz Rondon Amarante (primeiras núpcias) e Márcia Simões Souza (segundas núpcias).

Filhos: Fábio Alexandre, Ana Luíza, Gustavo Adolfo e Isabela Maria.

Especialização: Neuropediatria no "Bobs Roberts Memorial Hospital for Childrens" em Chicago.



Jairo Rodrigues Valle. 15/09/2005. Acervo particular.

JORGE GALDINO



Jorge, Maria Alice e os filhos: Fabiana, Guilherme e Raquel. S/d. Acervo Maria Alice Jorge Bueno Galdino.

Estudou o primário no Grupo Escolar Delfim Moreira e o ginásio e científico no Colégio Dom Bosco.

Mudou-se para Uberaba e ingressou na faculdade de Medicina em 1962.

Estagiou no Hospital Miguel Couto e na Maternidade Fernão de Magalhães, ambos no Rio de Janeiro.

Em 1968 mudou-se para Miguelópolis/SP, onde exerce a sua especialidade até os dias de hoje.

Filiação: Nazira Galdino e Nagib Galdino

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 19 de agosto de 1939.

Onde se formou: Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro em Uberaba/MG em 1962

Casado com: Maria Alice Jorge Bueno Galdino

Filhos: Fabiana, Guilherme e Raquel

Especialização: clínica médica

OSMAR JAMES NOLLI



Osmar James Nolli-30/04/1979. Acervo: Madalena Nolli Moreira.

Seguiu para Ouro Preto/MG onde estudou Farmácia na Universidade Federal (FAOP). Terminou o curso em 1963.

Após sua formatura, mudou-se para Brasília na tentativa de arrumar emprego. Ministrou aulas de ciências em escolas de segundo grau por um bom tempo.

Em 1964, iniciou o curso de Direito na Universidade de Brasília no qual permaneceu apenas 6 meses. E, assim, o farmacêutico e professor de ciências decidiu estudar Medicina na Universidade de Brasília (UNB), concluindo em dezembro de 1971. Fez residência em hospitais de Brasília.

Especializou-se em oftalmologia e, sobre isso, fazia uma brincadeira: "Eu só trato o olho esquerdo, o direito é com o colega".

Foi um profissional atuante em sua área, sócio da Clínica Oftalmológica de Brasília. Realizou cirurgias de miopia, catarata com implante intra-ocular, estrabismo e glaucoma, entre outros.

Tinha predileção por algumas frases, entre elas:

"O símbolo da medicina tem uma cobra. Por quê? Se o médico cura, cobra; e se o paciente morre, cobra também". Trabalhou como oftalmologista em Brasília até sua morte em 1994.

Filiação: Rosália e Achilles Nolli.

Local e data de nascimento: Araxá/MG



Vê-se à frente Osmar e ao fundo José Alvares (Zé Precatinha). S/d. Acervo: Madalena Nolli Moreira.

em 26/11/1936.

Onde se formou: Universidade de Brasília (UNB).

Local de trabalho: Clínica Oftalmológica de Brasília.

Especialização: oftalmologia.

"As três coisas brancas que matam: sal, açúcar e médico"

RICARDO IGNÁCIO DE ALMEIDA



Ricardo Ignácio de Almeida, 1964. Acervo particular.

No Grupo Escolar Delfim Moreira iniciou seus estudos e no Colégio Dom Bosco cursou o primeiro ano do antigo ginásio.

Mudou-se para Franca/SP onde terminou o curso ginásial. Foi para Belo Horizonte/MG, cursou o científico e ingressou no estudo da medicina em 1959.

Depois de formado, especializou-se em Ortopedia e Traumatologia no Hospital Felício Rocho de Belo Horizonte e, em 1966, transferiu-se para Divinópolis/MG.

Assumiu a presidência da Associação Médica de Divinópolis no biênio 1969/1970. Exerceu os cargos

de diretor clínico do Hospital São Judas Tadeu e de chefe do Serviço Ortopédico até 1995.

Trabalhou no Hospital de Pronto Socorro de Belo Horizonte, mesmo residindo em Divinópolis.

É membro da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) e da Sociedade Sul-Americana de Ortopedia e Traumatologia (SLAOT).

Atualmente é diretor do Instituto de Ortopedia (INOR) de Divinópolis e

atende como ortopedista os pacientes.

Filiação: Ana Pinto de Almeida e Gaudêncio Ignácio de Almeida

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 21 de julho de 1937.

Onde formou: Faculdade de Ciências Médicas de Belo Horizonte em 1964.

Especialização: Ortopedia e Traumatologia

Esposa: Marlene Rocha

Filhos: André Gaudêncio, Renata Néri e Paula Eugênia



Ricardo, a esposa Marlene, os filhos André Gaudêncio, Renata Neri e Paula Eugênia, nora, genros e netos. S/d. Acervo particular.

WALTER SANTOS

Estudou no Colégio Marista em Uberaba/MG e depois mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de ingressar na faculdade de Medicina.

Depois de formado voltou para Araxá e trabalhou na Santa Casa de Misericórdia com o Dr. Pedro Pezzuti em quem se espelhou e com quem aprendeu o dia-a-dia da vida médica. Caridoso, viveu para ajudar os mais necessitados. Foi um dos fundadores do Aeroclube de Araxá e fez parte da primeira turma de alunos.

Mudou-se para Belo Horizonte e foi superintendente do Hospital da Previdência do Estado.

Retornou para Araxá e atuou na profissão até os 80 anos, quando faleceu.

Filiação: Adozinda Porfírio dos Santos e Francisco dos Santos

Local e data de nascimento: Araxá/MG em 12 de janeiro de 1913.

Onde se formou: Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro/RJ.

Casado com: Maria da Conceição Neves

Filhos: Walter Júnior, Maria Tereza e Vânia Maria

Especialização: clínica geral e cirurgia



Walter Santos, 1930.

Médicos de fora que clinicaram em Araxá

ÁLVARO RIBEIRO



Álvaro Ribeiro. 1930.

Aprendeu as primeiras letras com o professor Justiniano, levado pelo Sr. Leopoldino para que ensinasse aos seus filhos e os dos fazendeiros vizinhos.

Estudou no Ginásio Diocesano de Uberaba e no Liceu de Artes e Ofícios de Campinas. Mais tarde bacharelou-se no Colégio Salesiano de Niterói onde iniciou também a carreira de jornalista.

No Rio de Janeiro, freqüentou o Colégio Pedro II e depois, por meio de seleção, ingressou na Faculdade Federal de Medicina da Praia Vermelha.

Foi eleito orador oficial da turma. Como não quis submeter seu discurso à censura prévia, na cerimônia oficial o seu nome não foi citado como formando nem como orador oficial.

Conduzido pelos braços dos colegas, enfrentou as autoridades e discursou para a platéia de convidados no momento em que o diretor já havia dado por encerrada a sessão solene.

Dr. Álvaro teve ordem de prisão decretada e, com o auxílio dos colegas, conseguiu fugir e refugiar-se na casa do colega e amigo Oswaldo Cruz Filho.

Com receio de envolver a família que o abrigara, Dr. Álvaro retorna a Araxá e dedica-se inteiramente à Medicina.

Foi, durante certo tempo, médico oficial da Estância. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia ao lado dos médicos Dr. Pedro Pezzuti, Dr. Thomaz de Almeida, Dr. Carlos Smith e Dr. Walter Santos.

Em parceria com Dr. Thomaz de Almeida fundou o jornal "Renovação" que circulou na cidade em 1934.

Em 1933, Dr. Álvaro e Dr. Hugo de Rezende Levy arrendaram o Hotel Rádio e nele instalaram o "Radium Sanatorium", destinado ao tratamento de doenças da nutrição, à convalescença e ao repouso.

A convite do ex-prefeito Fausto Alvim, ocupou o cargo de assistente médico da presidência do Instituto de Aposentadorias e Pensões — IAPC, no Rio de Janeiro.

Foi professor titular da Cadeira de Dietética das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara, hoje Uni-Rio. Dr. Álvaro faleceu no dia 28/12/1988 no Rio de Janeiro.

Filiação: Leopoldino Ribeiro de Souza e Ana Jacintha da Silva

Local e data de nascimento: antigo distrito de Conceição do Araxá, hoje Perdizes em 18/01/1900

Onde se formou: Faculdade Federal de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Casou-se: Tamara Orleanska.

Filhos: Igor.

Outras atividades: professor, escritor e jornalista.

ARMANDO ZEMA



Armando Zema. S/d. Acervo Lourdes Zema.

Aos 11 anos de idade, mudou-se para São Paulo com o seu irmão Romeu. Em regime de internato, estudou no Colégio Anglo-Latino por dois anos e, depois, no Colégio Diocesano de Uberaba.

Transferiu-se para Belo Horizonte e lá seguiu a carreira de médico, carreira esta que lhe permitiria ser útil às pessoas — marca do seu idealismo.

Fez residência na Santa Casa de Misericórdia de Araxá, onde trabalhou com o amigo Dr. Pedro

Pezzuti, prestando serviços relevantes, principalmente aos mais necessitados.

Exerceu a profissão no Colégio Dom Bosco, Associação das Damas de Caridade, Araxá Tênis Clube, Lactário Odete Valadares, Tiro de Guerra. Foi radiologista das Termas e médico da Estância do Barreiro e trouxe para Araxá o primeiro aparelho de Raio X.

Foi também um dos fundadores do Rotary Club e ocupou os cargos de 1º presidente e de governador do

Distrito 453. Em 1961 retornou a Belo Horizonte e continuou a exercer a profissão — radiologista.

Faleceu em 4 de março de 1980.

Filiação: Domingos Zema e Catharina Cavallaro Zema.

Local e data de nascimento: Ribeirão Preto/SP em 21 de abril de 1916.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG em 1941.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Especialização: radiologia.

Esposa: Vitória Brandão Lobato Silva.

Filhos: Edna Maria, Eda Lúcia e Ebe Vitória.

Outras atividades: vereador.



Armando Zema plantando uma árvore. S/d. Acervo: Lourdes Zema.

CÉZAR BARCELOS DE MENDONÇA

Em Belo Horizonte terminou o científico no Colégio Santo Antônio e prestou vestibular ingressando no curso de medicina.

Fez residência nos hospitais São Geraldo e Felício Rocho em Belo Horizonte.

Trabalhou em Araxá de fevereiro/1972 a junho/1974 e depois se transferiu para a cidade de Patos de Minas onde permaneceu até fevereiro/1977, quando retorna a Araxá.

Na Arafértil, atual Bunge, atuou como médico do trabalho no período de 1978 a 1985.

Hoje, continua exercendo a sua profissão de oftalmologista “e faz para o cliente o que faria para os filhos”.

Filiação: Antônio Orsini de Mendonça e Honorita Atanásio Barcelos

Local e data de nascimento: Carmo do Paranaíba/MG em 21 de outubro de 1942.

Onde se formou: Universidade Federal de Minas Gerais, em 1969.

Esposa: Maria Bernadete Aguiar.

Filhos: Leonardo César, Maria Letícia e Juliana.

Especialização: oftalmologia e medicina do trabalho.



Cezar Barcelos de Mendonça. Década de 2000. Acervo particular.

DOMICIANO DA SILVA PASSOS

Ainda criança foi estudar o primário e o ginásio no Colégio Salesiano em São Paulo, em regime de internato.

Ao terminar este período escolar, muda-se para o Rio de Janeiro a fim de ingressar na carreira

médica.

Depois de formado retorna a São Paulo.

Em 1940, vem para Araxá e trabalha como clínico geral até 1942, quando se casa e volta para São Paulo. Os pacientes são sempre

atendidos em seu consultório particular.

Em 1964, para tratamento de saúde, transfere sua residência para Belo Horizonte e aí permanece até 1968 quando pára de clinicar e vem morar em sua fazenda no município de



Em pé, da esquerda para direita: José, Mercedes, Armando, Aurílio, Carmita, Geralda, Maria, Domiciano, Belma, Johnny, Iolanda e Elias. Sentados, da esquerda para direita: Sebastião, Walquiria, Rita, José, Judite, Ica e Diana (criança). Década de 50. Acervo Maria Gonçalves Passos.

Araxá.

Dr. Domiciano falece em 31 de dezembro de 1993, aos 86 anos.

Filiação: Izoldina Cândida de Oliveira Passos e José Aleixo da Silva Passos Local e data de nascimento: Brodósqui/SP em 10 de setembro de 1907.

Onde se formou: Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro.

Casado com: Maria Gonçalves Passos

Especialização: urologia e otorrinolaringologia

FRANKLIN BENJAMIN DE CASTRO

Em 1904, a convite do Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar — fazendeiro e líder político da região — Dr. Franklin de Castro e sua esposa mudaram de Oliveira/MG para Araxá.

Assim que chegou, foi nomeado “Delegado de Higiene e de Vacinação”.

Em janeiro de 1905, instalou seu consultório particular na rua Boa Vista, hoje, Pres. Olegário Maciel.

Dr. Franklin de Castro iniciou, em 1907, uma nova carreira, a de redator do jornal “O Araxá” e contou com a parceria do advogado Antônio Augusto Ribeiro de Almeida — correligionário do Cel. Adolpho.

Em 1908, compôs a chapa organizada pelo Cel. Adolpho e foi empossado como agente executivo (cargo correspondente ao de prefeito) e presidente da Câmara Municipal.

Ao deixar de exercer cargos públicos e eletivos, Dr. Franklin de Castro dedica-se com maior “afinco” à Medicina, tendo seu consultório instalado na antiga rua do Comércio que hoje tem o seu nome.

Faleceu em 1936. Seu óbito foi registrado no livro de Atas da Câmara Municipal de Araxá.

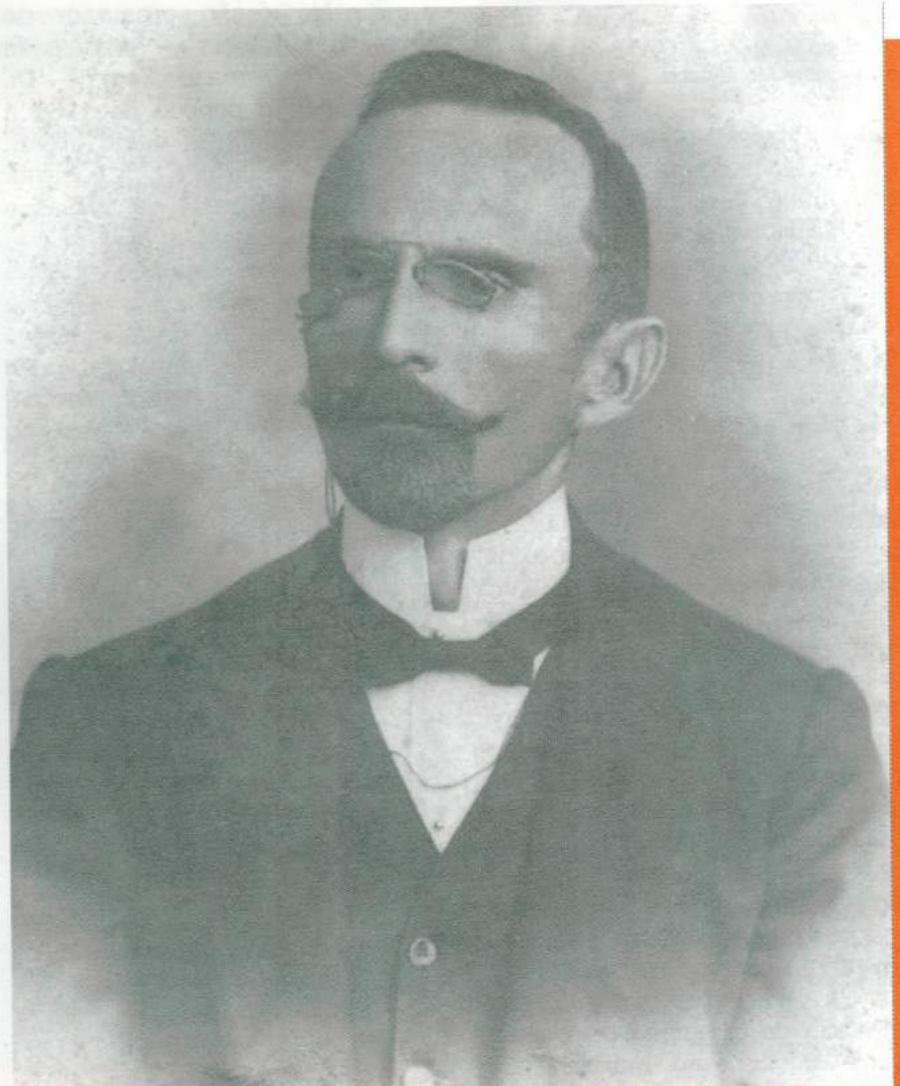
Onde se formou: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Local e data de nascimento: Oliveira/MG em 11 de março.

Esposa: Olga Magalhães.

Filhos: Clóvis, Sílvio, Dirceu, Jaime, Bruno, Maria, Paulo e Hélio.

Outras atividades: redator, agente executivo, provedor da Santa Casa de Misericórdia, líder do Partido Republicano Mineiro (PRM), deputado estadual.



Franklin de Castro. 1900/1910. 00321/AF/FCCB.

GIL AUGUSTO MONTANDON



Gil Augusto Montandon. Década de 30.
Acervo: César Montandon.

Descendente de Frederico Augusto Montandon, relojoeiro de origem franco-suiça, que chegou a Araxá nas primeiras décadas do século XIX.

Médico recém-formado, Dr. Gil mudou-se para Araxá e estabeleceu consultório próprio à R. Dr. Franklin de Castro. Iniciou seu trabalho na Santa Casa de Misericórdia em 1934, com contrato assinado pelo então provedor Pe. Antônio Marcigaglia. Na mesma época, foi adquirido um aparelho de Raios-X de fabricação alemã. Segundo Dr. Gil, foi um investimento feito por Dr. Benedito Valadares, Dr. João Jacques Montandon, Dr. Fausto Alvim e Pe. Antônio Marcigaglia e noticiado por ele (Dr. Gil) no jornal "Almenara".

Em 17 de maio de 1951, foi designado para exercer, interinamente, a função de "Diretor Médico das Termas do Araxá", subordinado à antiga Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho de Minas Gerais.

A nomeação foi formalizada no Palácio da Liberdade pelo então governador Juscelino Kubitschek e pelo seu Secretário de Saúde, Dr. Mário Hugo Ladeira.

Em 1962 foi nomeado Chefe

do Centro de Saúde da Unidade Sanitária de Araxá, exercendo essa função até sua aposentadoria em 1971.

Fez curso de atualização em Radiologia do Tubo Digestivo pelo INPS.

Enquanto provedor da Santa Casa de Misericórdia de Araxá, Dr. Antônio de Paiva Borges homenageou Dr. Gil pelos serviços prestados à Santa Casa.

A Associação Médica de Minas Gerais declarou em 16 de julho de 1969, para efeitos legais, que Dr. Gil exercia até a presente data a atividade profissional de Clínica Médica e Cirurgia Geral, em Araxá.

No órgão precursor do centro de radiologia — "Instituto de Radiologia Dr. Armando Zema" — Dr. Gil trabalhou o período de 1960 a 1971. Aposentou-se pelo INPS, embora tenha continuado a trabalhar como médico Revisor de Contas e Supervisor Hospitalar.

Dr. Gil expressava seus dons literários, escrevendo versos e trovas. Na coletânea de manuscritos deixados à família, registrou temas como puericultura, parto sem dor, instalação do "Curso de Fisioterapia na

Estância de Araxá" entre outros, com a intenção de ministrar palestras.

Seu "hobby" era a marcenaria e com sua habilidade fez a própria escrivaninha e a estante para o consultório. Gostava ainda de comprar carro velho e retificá-lo, ler gibis de faroeste, fumar balançando as pernas. Em 25 de novembro de 1976, ele faleceu em um acidente ocorrido na rodovia Araxá-Uberaba.

Filiação: José Augusto Montandon e Natália Augusta Montandon.

Local e data de nascimento: Dolores de Santa Juliana/MG em 12/02/1909.

Onde se formou: Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Locais de trabalho: Santa Casa de Misericórdia, Centro de Saúde da Unidade Sanitária de Araxá.

Casou-se: Dora de Oliveira.

Filhos: César, Dora, Gilda, Zuleika, Ana Lúcia e Alexandre.

Especialização: radiologia.

Outras atividades: promotor de Justiça em Carmo do Paranaíba/MG.

"Não dormir sem rezar uma enorme ladainha de Nossa Senhora"



Primeiro plano: Alexandre. Segundo plano, da esquerda para direita, Zuleika, Dora Maria, Gilda, Ana Lúcia. Terceiro plano, da esquerda para a direita, César, Dr. Gil e Dora. Acervo César Montandon.

HUGO DE REZENDE LEVY



Hugo de Rezende Levy. Década de 1910.
Acervo: Hugo de Aguiar Levy.

Estudou o ginásio e o preparatório em Juiz de Fora e prestou vestibular para medicina no Rio de Janeiro.

Fez residência médica nos hospitais Santa Casa e Moncorvo Filho no

Rio de Janeiro.

Com o término da Primeira Guerra Mundial em 1918, a França enfrentou uma grave epidemia. O Brasil ajudou no combate enviando uma missão médica da qual ele fazia parte. Permaneceu na França por dois anos e aproveitou para fazer várias especializações.

Terminada a missão, retorna ao Rio de Janeiro e vai trabalhar na Fundação Rockefeller, atendendo em várias cidades do interior do Estado.

Por indicação do médico Dr. João Vilaça, Dr. Hugo vai exercer a profissão em Ibiá.

Por razões políticas transferiu-se para Araxá, onde abriu um consultório na rua São Sebastião (atual Av. Vereador João Senna) esquina com praça Cel. Adolpho e um no Barreiro.

Envolveu-se com a política, até então dividida entre jacquistas e ferreiristas. Concomitantemente com a Medicina exerceu atividade político-partidária na ala ferreirista.

Foi levado pelos

correligionários a candidatar-se vereador. Sendo eleito, assumiu a presidência do Conselho Deliberativo.

Com a saída do prefeito Mário Campos, assumiu o cargo de prefeito.

Com a inauguração do Grande Hotel e das Termas foi trabalhar com todos que exerciam a atividade médica no Barreiro, no chamado "corredor dos médicos". Permaneceu na profissão até 1950, quando se mudou para Belo Horizonte. Faleceu em 11/01/1956.

Filiação: Nephtaly Levy e Maria Eugênia de Rezende Levy

Local e data de nascimento: Juiz de Fora/MG em 26/04/1894

Onde se formou: Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro/RJ.

Local de trabalho: Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Casou-se: Maria de Aguiar Levy.

Filhos: Lucilla, Maria Eugênia e Hugo.

Especialização: Cirurgia no Hospital Necker e Dermatologia, ambas na França.

Outras atividades: vereador e prefeito.

JOÃO TEIXEIRA ÁLVARES

Em 1891, Dr. João Teixeira Álvares funda, em Araxá, um sanatório para tratamento de tuberculosos.

Em 1903, obtém da Câmara

Municipal o privilégio de explorar as águas minerais.

Para incentivar a propaganda sobre as águas minerais,

Dr. João adquire uma tipografia completa e funda o jornal "A Gazeta do Araxá".

JOSÉ MANOEL DE OLIVEIRA PASSOS

Passou a infância entre Brodósqui, Batatais e fazendas da família.

Aos dez anos mudou-se para São Paulo e, como interno, estudou no Colégio Arquidiocesano dos Irmãos Maristas durante seis anos.

Depois transferiu-se para o Liceu Pasteur onde bacharelou-se. Foi criado entre cafeicultores: bisavós, avós, pai, tios e primos que, até hoje, lidam com o café e, também, entre políticos: seu pai pertencia ao PRP (Partido Republicano

Paulista) e, Washington Luís, Altino Arantes e outros freqüentavam sua casa.

Ingressou na carreira médica e fez residência no Hospital São Paulo na capital paulista.

Foi nomeado médico para o Centro de Saúde de Uberaba/MG e destacado para trabalhar em Araxá.

Deixou o serviço público para se dedicar à clínica particular e ingressar no serviço médico do balneário do Barreiro, recém-inaugurado. Trabalhou também no IPSEMG – Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de



José Manoel de Oliveira Passos. 1940.
Acervo particular.



José Manoel de Oliveira Passos. S/d. Acervo particular.

Minas Gerais.

Em 1960 mudou-se para Ribeirão Preto/SP e foi médico Inspetor Regional de Hanseníase por 20 anos. Clinicou 35 anos na Santa Casa de Ribeirão Preto e, hoje, continua exercendo sua profissão em prol da comunidade.

Filiação: José Aleixo da Silva Júnior e Izoldina Cândida de Oliveira Passos
Local e data de nascimento: Brodósqui/SP, em 02/07/1916.
Onde se formou: Escola Paulista de Medicina, hoje, UNIFESP. 1940.
Casado com: Josina Lemos (Neném).
Filhos: José Roberto, Carlos Humberto, Luiz Fernando e Maria Lisette.
Especialização: Clínica Médica e Dermatologia.



José Manoel de Oliveira Passos e Josina Lemos. S/d. Acervo particular.

PAULO PINTO GONTIJO E MARIA TÓFANI GONTIJO



Paulo Pinto Gontijo. 08/12/1940. Acervo Maria Beatriz Gontijo.

Foi o primeiro casal de médicos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Dr. Paulo especializou-se em oftalmologia e otorrinolaringologia e Dra. Maria em Clínica Geral e Saúde Pública.

Dra. Maria assumiu a chefia do Posto de Saúde local e Dr. Paulo trabalhou na Santa Casa de Misericórdia e ambos tiveram consultório particular em casa.

Depois de muitos anos morando em Araxá, a família mudou-se para Belo Horizonte/MG.

Dra. Maria foi a primeira médica da Academia Mineira de Medicina, vereadora por dois mandatos e também chefe de Saúde do Carlos Chagas.

O filho Paulo e os netos Tatiana e Fernando seguiram a profissão dos pais



Maria Tófani. 08/12/1940. Acervo Maria Beatriz Gontijo.

e avós.

Dra. Maria faleceu em 17 de fevereiro de 1993 e Dr. Paulo em 10 de março do mesmo ano.

Local e data de nascimento:

Ele: Dores do Indaiá/MG em 08 de julho de 1912.

Ela: Itabirito/MG em 21 de maio de 1915.

Filiação:

Ele: Antônia Pinto Gontijo e Firmino Pinto Fiúza

Filhos: Paulo Filho, Firmino, Clóvis e Alexandre

Onde se formaram: Universidade Federal de Minas Gerais.



Da esquerda para a direita: Clóvis, Alexandre, Paulinho, Firmino, Maria e Paulo Gontijo. 1990 Acervo Maria Beatriz Gontijo.

MÁRIO DE CASTRO MAGALHÃES

Em 1904, início do século XX, da cidade de Oliveira/MG, migraram para Araxá muitas famílias. Mário foi um dos novos moradores.

Concluiu o curso de Medicina no Rio de Janeiro/RJ em 1916, tendo defendido e publicado a tese sobre obstetrícia.

Retornou a Araxá, clinicando em seu consultório estabelecido no centro da cidade.

Na Europa, em 1925, especializou-se em gastroenterologia na Faculdade de Medicina de Paris. Nas clínicas das estâncias balneárias francesas e alemãs, Dr. Mário fez estágios, aprofundando seus estudos, a fim de trazer para Araxá novas formas terapêuticas curativas.

Em 1944, com a abertura das Termas, ministrou palestra na Sociedade de Biologia de Belo Horizonte e, pela primeira vez, divulgou um trabalho de sua autoria denominado "Estância Hidromineral de Araxá e suas novas

instalações".

Com a propagação desse trabalho, Dr. Mário foi reconhecido como célebre personalidade na área de crenoterapia.

Em 1947 houve, em Araxá, a disputa acirrada entre os partidos PSD (Partido Social Democrata) e UDN (União Democrática Nacional). Dr. Mário compunha a chapa vitoriosa (PSD). Como vice-prefeito eleito, assumiu duas vezes a prefeitura.

Em meados de 1951, o governador Juscelino Kubitschek ofereceu ao Dr. Mário uma apresentação oficial, junto ao Ministério do Exterior, com a intenção de ajudá-lo em seus estudos, já que não recebia subsídios financeiros.

Faleceu em 06 de abril de 1967. Toda a imprensa noticiou, com pesar, a morte do "médico crenologista".

Filiação: Antônio Chaves de Magalhães e Maria José de Castro.

Local e data de nascimento: Oliveira/MG



Mário de Castro Magalhães. Arquivo SAPP.

em 02/07/1892.

Onde se formou: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Locais de trabalho: Consultório em Araxá e Termas de Araxá.

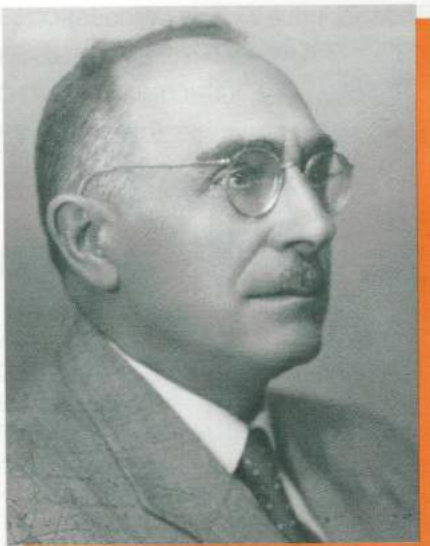
Casado com: Juvenília Aguiar

Filhos: Stella, Maria José, Beatriz e Jarbas

Especialização: gastroenterologista e crenologista

Outras Atividades: vice-prefeito de Araxá.

PEDRO PEZZUTI



Pedro Pezzuti. 1950. Acervo: Suzana Pezuti Aguiar.

Ainda estudante, foi convocado para ser combatente na 1ª Guerra Mundial (1914-1918). Nos campos de batalha exerceu a medicina, até que se feriu gravemente, ficando prestes a perder uma das pernas. Ferido, deixa os campos de batalha clandestinamente. Após sua convalescença, volta à faculdade e termina seu curso.

Retorna aos campos de batalha e trabalha em hospitais improvisados. Adquire uma larga experiência como cirurgião e ainda é agraciado com a patente de capitão.

Com a situação econômica difícil na Itália, veio para o Brasil, visitar seu tio paterno Cônego Pedro Pezzuti, em Araguari/MG.

Convocado por um patricio que morava na cidade de Araxá (onde

seu tio havia sido vigário da paróquia de São Domingos por três vezes desde 1893) para proceder a uma cirurgia, acabou fixando residência nesta cidade.

Aqui aliou-se ao Pe. André Aguirre, esforçando-se para que a Santa Casa de Misericórdia desempenhasse a real função de assistir os doentes necessitados. Ali trabalhou 38 anos, assumindo a provedoria de 1949 a 1958.

Sabedor do potencial do Barreiro publicou, em 1927, diversos artigos sobre as propriedades terapêuticas das águas de Araxá.

Publicou o livro "Pontos nos ii", que relata sua luta "contra a doença, os preconceitos e as misérias física e humana".

Esse livro rendeu-lhe

depoimentos de colegas e leitores, além de um radiograma do Dr. Juscelino Kubitschek que dizia:

“A sua obra significa um breviário de experiências, sofrimentos e alegrias de uma vida que se dedicou ao sacerdócio de minorar o sofrimento do próximo (BH, 12/11/1955)”.

Após sua morte, aos 64 anos, seu outro livro foi publicado — “A Nova Marcha da Vida” — obra esta que expôs seu pensamento político-filosófico.

Filiação: Ângelo Pezzuti e Carmela Bianchi Pezzuti

Onde se formou: Faculdade de Medicina de Nápoles

Local e data de nascimento: Vale Del' Ângelo, Província de Salerno, Itália.

Locais de trabalho: Campos de Batalha da 1ª. Guerra Mundial e Santa Casa de Misericórdia de Araxá.

Casado com: Tibúrcia de Ávila

Filhos: Suzana, Carmela, Ítalo e Ângela.

Especialização: clínico geral

Outras atividades: publicou diversos artigos sobre as propriedades terapêuticas das águas de Araxá e, como empresário, construiu o Hotel Araxá, publicou livros falando de doenças, preconceitos e misérias física e humana.

“Minorar o sofrimento humano”



Pedro Pezzuti, caricatura.

THOMAZ DE ALMEIDA



Em pé, da esquerda para a direita: Drs. Tibúrcio Afonso Teixeira, Hugo Levy, Custódio Ferreira, Gladstone Pereira, Thomaz de Almeida, Edmar Cunha, Walter Santos, Sr. Edson Alvarenga, Sr. Sebastião de Alfonseca e Silva, Drs. Álvaro Cardoso, Fausto Alvim e Pedro Pezzuti, Pe. José Tavares, Drs. Álvaro Ribeiro e Mário Magalhães. Década de 1930. Acervo: Olga Bahia de Pereira.

Ficou órfão aos nove anos e foi estudar em Silvestre Ferraz, no colégio de seu tio paterno.

Concluído o ginásio, retornou a sua cidade natal, Baependi. Para ajudar no sustento da família vendia doces em Caxambu, famosa por suas águas e muito freqüentada pelos turistas.

Nesta ocasião conheceu D. Fernandina, turista e colega de colégio de sua mãe que, sabendo de sua vontade de continuar os estudos, conseguiu-lhe com o esposo, Dr. João Luiz Alves, um emprego no Rio de Janeiro onde concluiu o colegial e os

preparatórios. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Fez residência no Hospital Paula Cândido, especializando-se no tratamento de moléstias infecto-contagiosas e na Santa Casa de Misericórdia, Clínica Geral, Obstetrícia e Cirurgia.

Em 1929, mudou-se para Araxá e trabalhou como médico dos ferroviários da Rede Mineira de Viação e também na Santa Casa de Misericórdia. Atendeu também os pacientes em seu consultório particular.

Fundou, com o colega Álvaro Ribeiro, o jornal "A Renovação".

Em 1940, transferiu-se para Belo Horizonte e trabalhou na CAPESP-IPSEMG e na Cia de Seguros Minas Brasil.

Exerceu a profissão até 1977, quando se aposentou.

Filiação: José Thomaz de Almeida e Zulmira Catão de Almeida

Local e data de nascimento: Baependi/MG em 08/10/1900.

Onde se formou: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1928

Esposa: Olga Bahia de Pereira.

Filhos: Zulma e Victória (afilhada).

Especialização: clínica geral, obstetrícia e cirurgia.



Da esquerda para a direita: Zulma, Olga e Dr. Thomaz. Década de 1930. Acervo: Olga Bahia de Pereira.

Médicos sobre os quais não obtivemos informações

Américo Salgueiro Autran Filho
 Antônio Ferreira da Silva
 Atilio Colombo
 Benedito (Hospital São Marcos)
 Carlos Smith
 Edgard Lamarão
 Edmundo Ribeiro

Fernando Carrera de Queiroz
 Flávio Figueiredo Dias
 Gilva Lamarão
 Gladstone Silva Pereira
 Hélio Lima Santa Cecília
 Henrique de Melo e Sena
 Henrique Furtado

José Antônio Afonso
 José da Cunha Junior
 José Porfírio de Almeida Machado
 Orlando Moura Reis
 Urbano Vilela
 Vandir Ferreira de Souza
 Stella Maris Barreto
 Thomaz de Aquino França
 Tobias Paiva

EQUIPE DE REDAÇÃO

Silvana Ap. Alves Borges Batista
 Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL CULTURAL. Povos e Países. São Paulo: 1973, v. 2.

ASNIS, Maurício. Santos em notícias. In: O Hebreu, São Paulo, jul/ago., 1991, fascículo 136. Biblioteca da Cultura Judaica. Enciclopédia Judaica. Rio de Janeiro: Tradição, 1967, v.1, 2, 3.

BORGES, José Dagualberto. Os Montandon de Minas Gerais. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 2003.

BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sérgio Goes de. Saúde e previdência: estudos de política social. São Paulo: HUCITEC, 1986. 244p.

CAMPOS, Cyro de Moraes. História do Judaísmo Antigo. São Paulo: Autores reunidos, 1961.

CARVALHO, Beth Capelache de: Os imigrantes IV. Fé e tradição. (A força dos Judeus no exílio). Jornal "A Tribuna". Santos, 17/06/1982.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1989, 282p.

EDLER, Flávio Coelho. As reformas do ensino médico e a profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro (1854-1884). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, 1992, p. 275.

SCOREL, Sarah. Reviravolta na saúde: origem e articulação do movimento sanitário. FIOCRUZ, 1989.206p.

Fundação Cultural Calmon Barreto. Lugar de Memória, vol. 1. Araxá: Gráfica Santa Adélia. 2001.

O TREM DA HISTÓRIA n° 30 – jul/2000, pág. 12 e 13.

REVISTA ISTO É. São Paulo: Editora Três, 2 de dezembro de 1992; n°. 1.209.

DEPOIMENTOS:

Adhemar Rodrigues Valle Neto
 Cêzar Barcelos de Mendonça
 Eduardo de Ávila
 Ely Severino de Resende
 Homero Gusmão Almeida
 Idê Aparecida Bittar Barra
 Ilka Affonseca Nesralla
 Jacqueline Dumont de Paiva Borges
 Jairo Rodrigues Valle.
 Jorge Feres

Jorge Galdino
 José Manoel de Oliveira Passos
 Lia Bittar
 Lourdes Zema
 Maria Alice Jorge Bueno Galdino
 Maria Beatriz Gontijo
 Maria Célia Montandon França
 Maria Gonçalves Passos
 Maria Leonor Teixeira Lemos (Malô)
 Maria Madalena Nollli Moreira

Nícia Cunha
 Olga Bahia de Pereira
 Paulo Gontijo Jr.
 Ricardo Ignácio de Almeida
 Terezinha Valle Perez
 Selma Maria Rios Feres
 Suzana Afonso de Affonseca
 Vânia Maria Santos Paiva
 Victória Verçosa
 Zuleika Montandon Scalon

CARNAVAL

A GRANDE FESTA POPULAR

ORIGEM & DESENVOLVIMENTO

A origem do Carnaval remonta a um tempo anterior à Era Cristã, tendo se iniciado na Itália. Com a expansão do Império Romano, as festas tornaram-se cada vez mais animadas e freqüentes.

Todavia no início da Era Cristã, surgiram os primeiros sinais de censura aos festejos mundanos, impedindo que fossem realizados durante a Quaresma.

PORTUGAL & BRASIL

Os festejos carnavalescos chegaram a Portugal por volta dos séculos XV e XVI, recebendo o nome de Entrudo, isto é, introdução à Quaresma.

O Entrudo era uma brincadeira de rua, de mau gosto e por vezes violenta. As pessoas molhavam-se umas às outras, usando ovos, laranjas podres, farinha de trigo, etc.

Foi esse Carnaval, quase selvagem, que desembarcou no Brasil com as primeiras caravelas e os primeiros foliões.

HERANÇA PORTUGUESA & HERANÇA ITALIANA

À época da colonização, o Brasil comemorava o Carnaval como o Entrudo português.

Já na segunda metade do século XIX pediam-se às autoridades policiais, sérias providências contra o Entrudo.

Em 1885, substituindo as antigas grosserias, foram introduzidos os lança-perfumes, tubos metálicos carregados com éter perfumado.

Assim, o Entrudo civilizou-se adquirindo maior graça e leveza.

Nessa época, surgem os Bailes de Máscaras inspirados nas "mascaradas italianas".

DESFILES & PARTICIPAÇÃO POPULAR

Quando o Carnaval perdeu a característica grosseira do Entrudo, o evento passou a contar com a participação das pessoas de bom nível social. Houve uma preocupação de melhor organizar os festejos de ruas, desfiles de clubes carnavalescos, corsos, carros alegóricos etc. com grande participação popular.

CONFETES, SERPENTINAS & CONTRIBUIÇÃO AFRICANA

Em 1892, surgem os confetes, pedacinhos de papel coloridos, e as serpentinas, fitas de papel também coloridas, que eram atirados aos carros alegóricos.

Somente no início do século XX, os elementos africanos foram incorporados, contribuindo para o desenvolvimento e originalidade do Carnaval.

A música passa a ter ritmo e melodia mais característicos.

Em 1920 surge a marchinha, fácil de reter e de dançar. Samba e marchinha, dupla imbatível na grande festa do povo.

CARNAVAL & FUTEBOL

No Brasil, é a maior manifestação da Cultura Popular, ao lado do futebol.

E o Carnaval, que, em sua origem, era uma festa de rua,

conquistou os salões.

Hoje, tanto as ruas como salões e sambódromos são palcos para a celebração da grande festa.

PERSONAGENS & TRADIÇÃO

REI MOMO — preside os festejos carnavalescos. Corpo avantajado e alegria contagiante era na mitologia greco-romana, considerado o deus da Graciosidade, filho da Noite.

ARLEQUIM — amante de Colombina. Farsante e fanfarrão sua função era divertir o público.

Seu traje era confeccionado em losangos.

COLOMBINA — namorada e alegre, sedutora e volúvel, era a principal personagem feminina. Amante de Arlequim e companheira do Pierrô, vestia-se de seda ou de cetim branco.

PIERRÔ — traje ornado com pompons e grande gola franzida, caracterizava-se pela ingenuidade e sentimentalismo.

FINAL

O Carnaval do Brasil, através de suas Escolas de Samba, com seus enredos e alegorias, mestres-salas e porta-bandeiras, baianas e rainhas, atrai turistas de toda parte, que aqui acorrem para aplaudir o mais famoso Carnaval do mundo.

**Pesquisa e texto:
Magaly Cunha Porfírio.**

CARNAVAIS DO GRANDE HOTEL

O Grande Hotel de Araxá foi construído pelo governo do Estado, integrado a uma intenção de Getúlio Vargas de dar brilho ao interior. Com isto, valorizou-se a imagem do Estado, criando novos recursos econômicos, ressaltando suas potencialidades e descentralizando, assim, certas cidades-pólos, com seus recursos já saturados.

A inauguração das Termas e do Grande Hotel, no dia 23 de abril de 1944, concretizou essa meta do

governo.

Todos os holofotes estavam direcionados para a nova Estância Hidromineral da cidade de Araxá.

A solenidade de abertura foi monumental, com presenças importantes, autoridades nacionais, estaduais e municipais em sua maioria.

A população foi convidada através de panfletos distribuídos por toda a cidade e, apesar de a Prefeitura disponibilizar o transporte, o número de araxaenses foi pequeno.

Mas, uma coisa era certa, todos sentiam-se orgulhosos de tão suntuoso e moderno hotel.

A cidade se preparou para esta modernização. As estradas receberam cuidados e a área urbana foi transformada e ampliada.

O GH logo se tornou conhecido internacionalmente por causa das águas termais, do cassino, dos congressos, das festas, por hospedar políticos de renome e por seu carnaval.

MAGALHÃES esperado hoje

Está sendo esperado hoje nesta cidade o dr. Magalhães Pinto, novo governador dos mineiros. Ao que se diz, dr. Magalhães Pinto permanecerá entre nós durante o tríduo carnavalesco.

Em se confirmando a vinda, Araxá será a primeira cidade do interior a receber a visita do novo chefe de Estado.



Jornal Correio de Araxá - 12/02/1961

Bias na cidade

O Grande Hotel, no Barreiro, está hospedando, desde o dia 13 do fluente, o sr. José Crispim de Bias Fortes, Governador do Estado.

Expressivas homenagens estão sendo prestadas ao conhecido homem público, que aqui se encontra para uma rápida temporada de veraneio.

Jornal Correio de Araxá - 16/02/1958

NO BARREIRO o Ministro Mário Menegheti

Além do governador Bias Fortes, Araxá hospeda outro ilustre homem público, o Ministro da Agricultura, sr. Mário Menegheti. O operoso Ministro de Juscelino, aqui permanecerá até 4.ª feira vindoura, dia 19. Desejamos-lhe feliz permanência entre nós.

Jornal Correio de Araxá - 16/02/1958

O primeiro Baile de Carnaval do Grande Hotel, em 1945, aconteceu na boate. Compareceram os turistas ali hospedados e pouquíssimos araxaenses. Os carnavais de Araxá, até então realizados no Clube Brasil, eram animados. Os organizadores impediam, com muito rigor, a entrada de jovens abaixo da idade limite.

Yedda Santos, araxaense radicada no Estado de São Paulo, que sempre se destacou pela beleza e pela alegria de viver, relatou que participou desse primeiro Baile de Carnaval do Grande Hotel por ser muito jovem para frequentar o Clube Brasil. Optou pelo Grande Hotel, porque lá as regras de limites de idade eram mais acessíveis. Fantasiou-se de Pirata apesar de, naquela época, não ser comum as pessoas se fantasiarem.

O Brasil sempre foi famoso

de desejo de muitos.

O salão sempre muito bem decorado, com fatura de serpentinas, confetes, máscaras. Muitas vezes decoradores vinham de outros lugares para efetuar a ornamentação. Todo esse "glamour" empolgava e atraía pessoas de várias cidades e também os araxaenses que não perdiam a chance de, inclusive, se hospedarem lá neste período.

No final da década de 50, ainda existia muita limitação e preconceito, principalmente, com o modo de vestir no carnaval, mas já não se aceitavam as proibições em torno de "poucas roupas".

Não havia tantas pessoas fantasiadas, elas se apresentavam ou "slacks", calça mais justa e curta.

muito bem vestidas ou optavam por um estilo marinheiro



Yedda Santos. (cigana) Stúdio do Parateca. 1948. Acervo particular.

pelos seus carnavais e, em Araxá, depois da era Grande Hotel, o encantamento era participar dos seus bailes. Neste período, o Hotel possuía maior fluxo de turistas.

Além de ser esta uma festa diferenciada, a pessoa tinha a oportunidade de estar junto a celebridades de âmbito nacional e até mesmo internacional. Muita gente importante frequentou os carnavais do GH: políticos como Magalhães Pinto que vinha juntamente com seu "staff", socialites famosas de BH, SP, Brasília e outras capitais. Elas vinham em grupos e muito animadas. Isso já era a festa! A imprensa de Araxá e de fora divulgava e entrevistava essas personalidades e, com todo esse marketing, Araxá se tornou conhecida e seu carnaval, objeto

bastante usado nesta época ou mesmo alguma coisa mais esportiva como "slacks", calça mais justa e curta.

Segundo um texto da revista "O Cruzeiro", com data de 1958, o short era proibido sob pena de prisão.

O Carnaval trazia a euforia de quatro dias em que a pessoa "saía do sério", justamente porque havia muitas proibições e normas ditadas.

A festa da alegria era sempre regada a muita bebida e lança-perfume.

As pessoas ficavam mais soltas e extravasavam, talvez, até o descontentamento de não viverem suas verdades.

Nos anos 60, os Bailes de Carnaval apresentavam mais fantasias, cada uma mais linda que a

Carnaval ainda

Pobre minha mãe! Quanta lágrima chorou nos carnavais de outrora por minha causa! Durante o reinado de Momo daqueles tempos eu era um dos melhores foliões (diziam), e, em compensação, um dos piores filhos, sabia eu! Porém, a força da mocidade (embalada com a bebida e o éter cheiroso), chegava às raízes da loucura. Enquanto minha mãe, chorosa, buscava aqui e ali, notícias do grande folião, eu, em gargalhadas frenéticas varava noite a dentro, sem destino e sem pudor! Era o Carnaval! E ele, para mim, tinha a poder mágico da alegria, e da vida fácil, também. Que ficasse a família para depois. O interessante era que eu me esbaldasse ao máximo, e que chorassem os outros!... Teoria de um errado, que trazia o cérebro conturbado e a alma em férias. Não valia a pena dar guarida à verdade. Seria a destruição completa de tudo aquilo que aparentemente me fazia viver. Carnaval! Polícromia que domina os olhos e envenena a alma. Uma porção da juventude que se decompõe em pouco e pouco! Cinzas, a confirmação exata do acontecido. Carnaval! Sorrisos e lágrimas. Saudades e tristezas. Fantasia do real. Tentativa vã de fugir ao sofrimento: uma ilusão tão cara!...

Jornal Correio de Araxá - 16/02/1958
Crônica de Helio Ferreira Histórias Amargas

outra e os prêmios também eram bastante cobiçados.

Magaly Cunha Porfírio é um exemplo de foliã e, quando solteira, era frequentadora assídua dos Bailes de Carnaval, destacando-se com fantasias bonitas e originais, **papando** quase sempre o primeiro lugar.



Magaly Cunha Porfírio. (Caçador de Esmeraldas). 1968.
Acervo Magaly Cunha Porfírio.

Outros araxaenses de diferentes gerações também eram destaques e enfeitavam o hotel com suas presenças: Marisa Afonso Ribeiro, Susana Pezzuti e Alonsinho, Alice Maria e Renato Goulart, Lídia e Júlio César Marques, Carmem e José Honorato, Vera e Francisco T. Santos, Cynthia e Eduardo Coelho, Patrícia e Ângelo Maneira, Heloísa e Emílio Neumann.

As rádios, um mês antes do Carnaval, já tinham sessões dedicadas a ele. Tocavam as marchinhas para criarem um clima e apresentavam as músicas novas para que os foliões aprendessem e, nos quatro dias, soubessem cantar. Nos clubes e em importantes hotéis aconteciam concursos com premiações. Era um período rico com muito confete e serpentinas, uísque, lança-perfumes e fantasias riquíssimas, principalmente nos bailes das capitais e no nosso famoso Grande Hotel.

Os carnavalescos se

fantasiavam, mas havia sempre um conflito com relação à fantasia. Ela teria que ter originalidade, riqueza e esbarrava sempre no "não pode pouca roupa". Havia muito controle policial e limites para os foliões.

Já no final dos anos 60, fase de contestações e de novos comportamentos e hábitos, os foliões se mostravam mais avançados e suas fantasias diziam "não" à mesmice. As pessoas eram menos formais, brincavam em cima das mesas com frascos de lança-perfume.

Em 1976, com o intuito de inovar, foi organizado um Baile de Gala em que o ponto alto era o Concurso de Fantasia, com um júri muito elegante e formado por personalidades conhecidas. Figuravam neste corpo de jurados: Dra Lúcia Ignez Mesquita de Paula (Primeira Dama de Araxá), Boyalo (caricaturista conhecido nacionalmente) Ivani Ribeiro (autora de novelas, entre elas A Viagem), Haroldo Adrião da Cunha (decorador), o Rei Momo do Brasil na época e o

Diretor da TV Triângulo de Uberlândia.

Era grande o entrosamento entre os turistas e os araxaenses, muitos namoros e paixões aconteciam nestes quatro dias. O movimento do Hotel era muito intenso. À tarde as pessoas circulavam nos corredores no "scotch bar" e mesmo na área externa do Grande Hotel, propiciando encontros e novas amizades. Alguns casais ou grupos de araxaenses tinham por hábito passarem lá o carnaval ou se hospedarem, nesta época, no GH: A turma do Bene's Club sempre encabeçada por Agenor Lemos Jr e Maria de Lourdes, José Honorato e Carmem, Fernando Braga e Eliana com os filhos Cláudio e Daniela que, por sua vez, arrastavam as respectivas turmas, José Duarte e Sandra, Célio Vieira Borges e Heleninha, Hélio Carneiro e Corina, Julio César Marques e Lídia, Agar e Fábio Pinheiro, Carla e Ana Paula Mesquita, Venina Santos, Livia Fontes e irmãs e muita gente mais.



Salão do Grande Hotel decorado para o Carnaval de 1987. Acervo: Fernando Braga de Araújo

OS MACHÕES

Festa diferenciada, exclusiva do GH, por ter sido inventada por uma turma que sempre se hospedava lá, comandada por Tomé Palhares e sua esposa Norma da sociedade de Belo Horizonte.

Numa tarde de carnaval, mais calma, sem nada para fazer a não ser esperar as esposas se aprontarem para o baile de carnaval à noite, surgiu a idéia de os maridos se fantasiarem de mulher, usando os vestidos e adereços de suas esposas. A brincadeira foi tão envolvente, tão animada e divertida que, no outro ano, trouxeram roupas próprias e já tinham uma tímida platéia. A cada ano a festa tomava proporções maiores.

Criaram um júri com pessoas

famosas que aqui vinham para o Carnaval e também com algumas socialites de Araxá e, assim, todos os anos, era esperado o famoso Desfile dos Machões.

Passados alguns anos, Tomé Palhares passou a incumbência de dar continuidade ao desfile dos machões ao colunista social do Jornal Correio de Araxá, Ronaldo Ribeiro de Paiva, que, por muitos anos, coordenou este desfile que era a atração da tarde do domingo de Carnaval.

O segredo do sucesso deste desfile era que os participantes não eram travestis, pelo contrário, eram homens desajeitados num salto alto ou num vestido bordado de paetê e que

davam seu recado, levando a platéia ao delírio. O desfile, que começou pequeno, se agigantou e possuía um público fiel e grande que lotava o Grande Hotel.

Era feita a classificação dos Machões através de um júri formado somente por mulheres. Elas formavam um show à parte, tanto as araxaenses convidadas como as que se hospedavam no hotel. Usavam adereços de cabelo superproduzidos e se vestiam com muito "glamour" e sofisticação.

Na época do fechamento do Grande Hotel, o desfile dos Machões era realizado no Girassol Clube de Campo.

O "GLAMOUR" MUDOU DE ENDEREÇO

Durante muitas décadas o GH reinou com seu carnaval. Os próprios clubes da cidade, em respeito a um carnaval tão concorrido, promoviam apenas a festa para os baixinhos, no período da tarde, com concurso de fantasias. À noite, não adiantava concorrer, só dava Grande Hotel.

Nos anos 80, a cidade era sempre convocada a participar com seus blocos de jovens.

Estes participavam muito na sociedade e se dividiam em várias turmas. A pioneira foi o Bene's Club e, a seguir, Boiadas, Alta Combustão, Pork's, Gyn & Kanas, Blitz e outras. Essas turmas movimentavam a cidade com organização de festas, gincanas, torneios e quase todas as promoções eram beneficentes.

Evidentemente não deixariam de ser presenças concorridas nos Carnavais do Grande Hotel.

Os araxaenses, inclusive os que moravam fora, eram figuras esperadas para fazer acontecer a maior animação. Até para quem não apreciava a festa de Carnaval, a entrada era um evento à parte. As pessoas iam para ver os blocos e desfrutavam depois o "scotch bar" ou mesmo o restaurante, esticando a noite.

O "hall" de entrada, os corredores e os bares ficavam lotados de pessoas indo e vindo, outras conversando e rindo animadamente até a madrugada.

No ano de 1990, em alguns jornais, veiculavam as notícias sobre arrendamento e reformas do GH. Ele se apresentava decadente não só na sua estrutura física como também nos eventos que se realizavam lá. "Nem o Carnaval escapa" — diziam as manchetes de jornais!

Talvez tenha acontecido justamente o contrário: o Carnaval que atraía grande número de turistas, hoje com seu formato diferente, tirava as pessoas do Hotel e também dos clubes e os levava para as ruas. Começa uma nova fase e é visível em todo o país.

Os Bailes de Momo em ambientes fechados já não provocam interesse e perdem seu charme para as praias do nordeste e o carnaval na rua com trios elétricos. As marchinhas e músicas criadas especialmente para esta época foram dando lugar ao pagode e ao axê.

O Rio de Janeiro é "hors-concours", atípico, com os desfiles de suas escolas de samba, o sambódromo e os famosos que fazem a festa carioca.

As cidades do interior, por sua

vez, também aderem ao novo estilo de se brincar carnaval e, com o apoio das Prefeituras, realizam os desfiles das escolas de samba de seus bairros, com grupo de jurados em camarotes improvisados na avenida. Os trios elétricos são os responsáveis pela animação e o povo se mistura cantando, dançando numa imensa alegria, deixando para trás a beleza e o conforto de um carnaval em recinto fechado. É o tempo e suas mudanças!!!

Mesmo ciente do novo comportamento e dos costumes, o Grande Hotel sempre fazia o seu Carnaval sem o brilho e o glamour dos ilustres visitantes de antigamente. Cumpria e oferecia ao seu hóspede a festa que compunha o seu calendário turístico.

Em 1994, logo após o carnaval, o Grande Hotel foi fechado para reformas, só reabrindo no ano de 2001, quando tomou posse o Grupo Tropical que assumia o arrendamento do hotel.

As festividades de Momo no Grande Hotel voltaram a acontecer no ano de 2002!

**Pesquisa e Texto: Cecília
Angelica Machado de Paiva**

Fonte:

Jornais: "Correio de Araxá", "Clarim", "O Tempo" e "Gerais" (acervo da FCCB).

Revista "O Cruzeiro". Araxá, Fevereiro de 1958.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. "Das Águas Passadas à Terra do Sol, ensaio sobre a história de Araxá". Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

Anos 50



Da esquerda para a direita, Paulo Rios Borges, Maurício Castro e Ronaldo Borges (Roni). De pé: Aston Ferreira de Ávila. 1952.
Acervo: Maria José Porfírio Rios.

Suzana e Alonsinho, Geraldo e Cândida Lemos, Carmela Pezzuti, Teofredo Pinto da Silva, Dário Afonso, e Ângela Pezzuti. 1955.
Acervo: Suzana Pezzuti Aguiar.



Glória Guimarães, Irene e Cali Guimarães e Eunice Santos Araújo. 1958.
Acervo: Irene Santos Guimarães.

Aparecida e Lélia
Guimarães.
Acervo: Júlia
Guimarães Lemos.



Yara Marília Cunha (Odalisca).
Acervo: Helena Santos Bernardes.



Terezinha Corrêa (Odalisca). Acervo: Terezinha C. Soraes.

Lélia, Aparecida Guimarães,
Maria do Amparo Montandon,
Aparecida Nobre e mais duas
não identificadas. Acervo:
Júlia Guimarães Lemos.



Walter Lemos, Ediméa Valle,
Margarida e Pedro Alberto Franco,
Eleusa e Mauro Lemos.
Acervo: Margarida Porfírio Franco.

Lulu, Lélia, Cornélio,
Danilo, Arcy, Jorge,
Almir, Augustinho. 1956.
Acervo: Júlia Guimarães
Lemos.



Anos 60



Magalhães Pinto, então Governador de Minas no carnaval de 1964. Acervo: Dorinha Chaer Lopes.

Agenor Lemos. Acervo: Hercy Silva Lemos.



Agenor e Hercy Lemos. Acervo: Hercy Silva Lemos.



Maria Regina Melo Guimarães e Vânia Heloisa Borges. 1967.
Acervo: Maria Regina Melo Guimarães.



Magali Pires.
Acervo: Maria José Verçosa Pires.



Grupo de foliões. Em pé: Marieta Coelho, Maria da Glória Azevedo, Dr. Danilo e Dalcy Cunha, Consuelo, Zezé Pires. Embaixo: Danilo Jr., uma turista de São Paulo e José Walter Machado. Acervo: Magaly Cunha Porfírio.



Noêmia da Paz Azevedo (Melindrosa). Acervo: Magaly Cunha Porfírio.



Silverinha e Ana Maria Abreu (Melindrosas).
Acervo: Silvéria Maria Aguiar.



Maria Luíza Correa, Maria Isabel de Ávila (Bebel)
e Magaly Pires. Acervo: Maria José Verçosa Pires.



Maria Auxiliadora Chaer (Dorinha), Myrian Baroni e
Nice Pinheiro (Baianas) Acervo: Dorinha Chaer.

Marisa Afonso (Toureiro).
Acervo: Márcia Afonso Chaer.



Ana Maria Aguiar, Ana Maria Abreu, Silverinha, Wandinha, Ondina de A. Tomasovich, Terezinha Paiva, Maria Josefina de Abreu Tomasovich (Havaiana Estilizada). Acervo: Silvéria Maria Aguiar.



Silverinha, Raquel Aguiar, Ana Maria Abreu, Maninha e Manona. Embaixo: Wandinha, Ângelo Pezzuti e Olívia de Almeida. Acervo: Silvéria Maria Aguiar.



Fabiano e Heloisa (Nonoca) de Freitas Fidelis (Palhaços) 1º lugar em originalidade. Acervo: Magaly Cunha Porfírio.



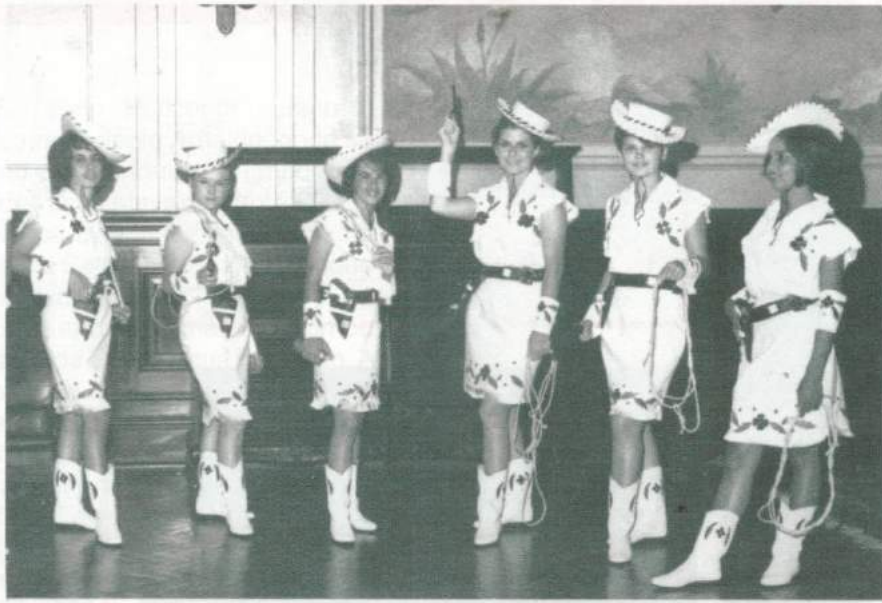
Guilhermina e Aziz J. Chaer.
Acervo: Museu Histórico de Araxá – Dona Beja.



Dorinha Chaer.
Acervo particular.



Wania e Rosângela Abdanur (Índias). Acervo particular.



As "Cow Girls" – Marly Boaventura, Myrna Baroni, Márcia Lopes, Myriam Baroni, Maria Helena Lemos, Stela de Oliveira.
Acervo: Magaly Cunha Porfírio.

Beatriz Helena Recife (Uberaba), Marly, Maria Josina, Dora Lúcia, Maria Regina, Marina e Maria Helena Lemos.
Acervo: Marina Drummond de Paula Lemos Rios.



As baianas Marly, Maria Josina, Dora Lúcia, Maria Regina e Marina Lemos.
Acervo: Marina Drummond de Paula Lemos Rios.

Anos 70



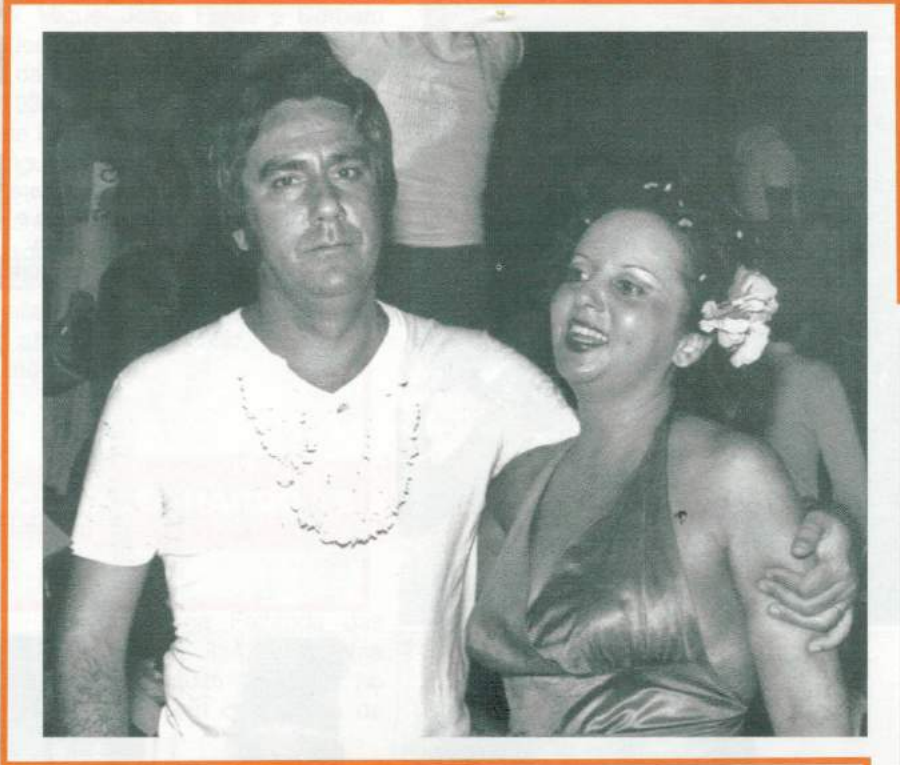
Mara Santos Bernardes.
Acervo: Helena Santos Bernardes.



Maria Helena Lemos e
Antônio Abílio Mendes da
Cunha. 1973. Acervo particular.



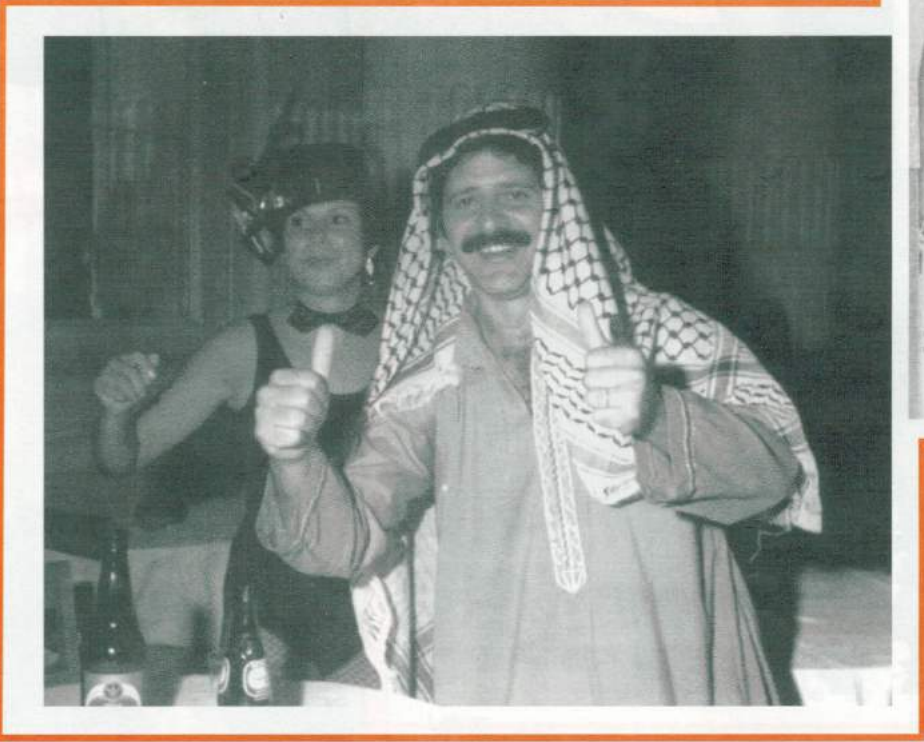
Maria de Fátima Reis, não identificada, Aline Di Mambro, Mara Bernardes e
Nádya Teixeira Afonso. 1973.
Acervo: Helena Santos Bernardes.



Célio e Heleninha Vieira Borges.
1975. Acervo: Maria Helena
Resende Vieira.



Cíntia Maria Resende
Vieira. 1975.
Acervo: Maria Helena
Resende Vieira.



Regina Aparecida Vasconcelos (Cabaret), Pedro Israel de Ávila
(Sheik). 1978. Acervo particular.



Marcílio Teixeira e Maria José Goulart, Hélio e Corina Carneiro Costa, Júlio César e Lídia Pereira Marques, Cassiano Ricardo e Malô Lemos, Ronildo Vilela e Beatriz (Tiza) Santos Costa (ciganos). 1976. Acervo: Corina Costa Carneiro.

Julinho e Lídia, Corina e Hélio (Melindrosas). 1977. Acervo: Corina Costa Carneiro.



Arethusa Drummond, Durvalzinho e uma turista de Brasília. Acervo: Margarida Porfírio Franco.



Venina Santos e Danilo Cunha Jr.
1977. Acervo: Venina Tereza Santos.



Venina Santos, Rosana Marques e
Isabela de Ávila. 1979. Acervo:
Venina Tereza Santos



Raquel Oliveira Lemos. 1978. Acervo:
Terezinha de Oliveira Lemos.



Renê, Venétia Santos e Túlio Rosa.
Acervo: Renê de Tarço Porfírio Franco.



Waldomira M. Rios (Mirinha), Raquel de Oliveira Lemos, Eunice Rios (Ncinha), um turista e Lisete Vieira Borges. Acervo: Terezinha de Oliveira Lemos.

William e Isabel Tannús, Niela, Isabela, Venétia e Renê. Acervo: Renê de Tarço Porfírio Franco.



Da esquerda para a direita, de baixo para cima: Um turista, Olimpino, Eduardo de Ávila, Renê, Alonso, Zé Mozinho, Nadir, Durvalzinho, Carlos Eduardo Santos, Leandro Rosa, Itagiba, Waltinho Natal, Agno Rosa, William Tannús, Germano Barsante. Acervo: Patrícia Helena Bernardes Franco.

Adriana Pereira de Almeida, Rosângela Moura Barreto, Marília de Fátima Silva, Rossana França Fonseca, Maria Auxiliadora Guimarães de Angelis e Eliana Menezes (Charles Chaplin). 1979. Acervo: Adriana Pereira de Almeida Fonseca.



Dr. Menelik e esposa (BH), Pedro (Pedrinho) e Terezilda Batista Camargo, Astolfo e Imaculada (BH). 1978. Acervo: Ana Paula Camargo Fonseca.

Raquel Coelho, Paulo Fernando Borges e Lívia Fontes. Acervo particular.



Anos 80

Virgínia Rios Amaral (Melindrosa).
1987. Acervo particular.



Carlos Manoel Rodrigues Lemos
(Cael) e Valéria Diniz dos Santos. 1985.
Acervo particular.



Bloco da CBMM - Fernando Cunha e Iany, Satto e Cristininha, Lúcia e Paulo Maneira,
Cidinha e Rafael de Fuccio e Mirinha. Acervo: Lúcia Cardoso Maneira.



Livia Fontes, Adriana Braga, Daniela Marques Araujo (Índia Catuira) e Fernando Braga. Acervo: Fernando Braga de Araujo.



Daniela Marques Araujo. 1983. Acervo: Fernando Braga de Araujo.



João Bosco França e Mylene Aparecida Borges. 1980. Acervo particular.



Alessandra Henriques (BH), Fábio Alves Rios, Ana Paula Assunção Bellon (BH) e Virgínia Rios Amaral. Acervo: Virgínia Rios Amaral.



Daniela Goulart Teixeira, Érica de Rezende Teixeira. 1986. Acervo: Bernadete de Lourdes Resende Teixeira.



Paula Marques e Roberto Lemos. Acervo particular.

Carnaval Infantil



Marlene Coelho, Lucinha, Vera Olga, Didi, Mèa, irmã de Vera Olga, Ângela, Helena Santos. 1945. Acervo: Helena Santos Bernardes.

Durvalzinho, Patrícia, Mara e Túlio Bernardes. 1967. Acervo: Helena Santos Bernardes.



Júlia de Almeida Fonseca (Índia). 1986. Acervo: Adriana Pereira de Almeida.



Alessandra (Colombina), Luiz Filipe (Homem Aranha), Paulo Emílio – Polé (Batman). 1982. Acervo: Júnia M. Leitão.

Ana Paula e Alexandre (Índios). Acervo: Corina Costa Carneiro.



Alessandra Leitão (Índia dos Arachás). Prêmio de Primeiro Lugar. 1988. Acervo: Júnia M. Leitão.



Marcela, Flávia, Fabíola, Maria Dolores e Maria Florence. Acervo: Margarida Porfírio Franco.

Pesquisa: Magaly Cunha Porfírio.

Oficina da História

Editor: Prof. Ms. Luciano Marcos Curi

"BEXIGA PRETA": História da última epidemia de varíola em Araxá

A varíola é uma doença infecciosa, extremamente contagiosa, epidêmica e de alta mortalidade. Inicialmente caracteriza-se pelo aparecimento de pontos avermelhados sobre a pele que logo se transformam em bolhas cheias de um líquido claro, eventualmente transformado em pus. Cerca de dez dias após o aparecimento destas pústulas elas começam a secar, transformando-se em crostas e encerrando o período contagioso da moléstia. As lesões na pele freqüentemente deixam cicatrizes escavadas para o resta da vida.

Na luta contra a varíola os povos orientais utilizavam há mais de mil anos a chamada "variolização", que consistia na retirada de material das pústulas de um variolento e sua aplicação num indivíduo são que, assim, adquiria a doença de forma mais branda, ficando imunizado.

A varíola chegou ao Brasil através do colonizador português, proveniente tanto da Europa quanto da África. A primeira epidemia ocorreu em 1563 iniciando-se na Bahia e causando aproximadamente 30 mil mortes. Os indígenas eram particularmente vulneráveis o que levou a dizimação de várias tribos. Acredita-se que o número de mortes ocasionadas por esta doença, durante os três séculos de colonização, ultrapassou a soma de todas as outras.

Semelhante ao que ocorria no Brasil, Araxá sofreu com repetidas epidemias de varíola. As primeiras medidas para controle desses surtos datam de 1834 quando se realizou a primeira Campanha de Vacinação, cujo objetivo era proteger a população da ameaça da "bexiga", nome popular da doença na época. No entanto, houve resistência a vacinação. As pessoas temiam trocar um "bem futuro por um mal no presente". Sabe-se atualmente que as condições para a eclosão das epidemias vão desde a pobreza, falta de saneamento básico, raro no Brasil do século XIX, ausência de água potável e cobertura vacinal. Assim, num contexto favorável a última epidemia de varíola marcou profundamente os araxaenses tanto pela intensidade quanto pelo número de vítimas, conforme relata o memorialista Sebastião de Affonseca e Silva:

"foi em 5 de Agosto de 1891, quando a população julgava-se no maior bem estar, que irrompeu a epidemia de varíola, cujo primeiro caso foi observado em casa de um padeiro sr. José Godinho, e que contaminou toda a cidade, reduzindo-a à desolação, e fazendo 60 vítimas". SILVA, Sebastião de Affonseca. Monografia do Sr. Sebastião de Affonseca e Silva, Araxá, 1914, p. 75 a 78.

O relato prossegue narrando o caos vivido em Araxá durante a epidemia de 1891. A desorganização sócio-econômica e o receio de se vacinar contribuíram para a propagação do mal. Araxá viveu momentos de adversidade sendo socorrida pela vizinha Sacramento, que enviou carroças com mantimentos que foram

deixados na entrada da cidade e posteriormente recolhidos. A população ficou entregue aos cuidados do único médico da época, o Dr. Eduardo Montandon, e a meia dúzia de enfermeiros que atuaram entre três hospitais improvisados. O medo diante daquela ameaça que parecia fora de controle evidenciou-se no isolamento, nas quarentenas, nas ruas desertas, no fechamento do comércio, na reclusão das famílias e no silêncio do legislativo. As pessoas temiam os defuntos, os vivos e a si próprias.

Os embaraços para enterrar as vítimas foram resolvidos graças à atuação de um presidiário chamado Antonio Izidro que prestou serviço de coveiro durante a epidemia, pois estava imunizado porque já havia sofrido de varíola. Contudo, este detento, por razões não esclarecidas, em meio ao tumulto daqueles dias, foi transferido para a cidade de Uberaba o que gerou a indignação de Sebastião de Affonseca e Silva, que afirmara ser ele merecedor do perdão de sua pena.

Neste cenário desesperador, os cristãos araxaenses tiveram que conviver ainda com a trágica e inoportuna morte do Padre Belchior Ferreira da Silva; deixando-os sem assistência espiritual num momento de agonia. No entanto, entre dezembro de 1891 e janeiro de 1892 o declínio da epidemia já era perceptível. Gradualmente as pessoas retornaram aos seus lares. Contudo, Sebastião de Affonseca e Silva registra a última vítima da bexiga, seu nome completo perdeu-se para a história, mas ele referiu-se a ela em suas anotações como "Philomena de Tal", mais tarde "Mártir Filomena".

Lenda Maria Martins

Mártir Filomena: história de uma religiosidade popular

Sem a presença do coveiro Antonio Izidro a última vítima da bexiga preta, "uma mulher de nome Philomena de Tal, que teve a infeliz sorte de ser sepultada quase junto à estrada que subindo à 'casa' de Juca Pereira, fica logo no alto, indo junto a umas árvores de óleo, se vê uma cruz fincada (sic)".

Filomena de Tal faleceu no momento de declínio da epidemia, quando a população estava recompondo sua vida. Assim, sua morte poderia ter sido facilmente esquecida em meio à catástrofe. Era, ou deveria ser, apenas mais uma vítima entre os sessenta falecimentos registrados: uma mulher sem sobrenome, que vivia na periferia da cidade, na área rural.

Sepultada fora do cemitério, no "meio do pasto", tal fato contribuiu para a multiplicação dos diversos entendimentos sobre sua morte. Filomena possivelmente não recebera os sacramentos religiosos, ficando excluída tanto religiosa quanto socialmente. Seu jazigo solitário à beira do caminho poderia representar, ainda o "pecado" por ter contraído a "peste", a doença relacionada à noção de castigo celeste, idéia presente no Brasil que remonta aos tempos medievais.

No entanto, segundo a tradição que surgiu entorno de sua morte, Filomena fora enterrada viva, com fome e sede, como simpatia

para que a epidemia cessasse. No imaginário popular, a morte daquela mulher não teria sido em vão: foi sacrificada em benefício da comunidade. Filomena, abandonada no alto da colina, martirizada até o suspiro final, representava um ato em nome da salvação coletiva.

A ausência de referências sobre Filomena na historiografia araxaense, principalmente nas primeiras décadas do século XX, pode ser explicada em função do projeto turístico termal que se implantou em Araxá apoiado na idéia de oferecer saúde que não combinava com aquela tragédia. É necessário relembrar que em 1914 ao produzir o primeiro manuscrito com dados para a publicação de sua História de Araxá o memorialista Sebastião de Affonseca e Silva referiu-se à morte de Filomena. Porém, na segunda cópia datilografada, produzida pelo mesmo autor, e já formatada para ser publicada, o nome de Filomena fora retirado.

Contudo, no decorrer do século XX, a dita Philomena de Tal transformou-se, à revelia do seu consentimento e das elites locais que exaltaram a figura de Dona Beja, num personagem religioso; Mártir Filomena, canonizada popularmente por parte da população araxaense que lhe atribuem milagres, cujos fundamentos estariam nas circunstâncias de sua morte, na simpatia do fim da peste, na continuidade de seu sacrifício pela coletividade. Assim estabeleceu-se o seu dia de guarda, sua imagem, sua festa anual e edificaram sua capela no alto nas proximidades de onde fora sepultada. A história do surgimento dessa religiosidade e as demandas coletivas que ela atende merecem reflexão. Peripécias da história difíceis de serem explicadas. Laços entre tragédia, medo, doença, morte e religiosidade popular.

Maria da Conceição A. Miran. de Carvalho



Mártir Filomena. Interpretação livre de Ismael José de Souza, entronizada na capela de mesmo nome no primeiro domingo do mês de maio de 2005. 01/05/2005.

RECONHECIMENTO DOS AMIGOS DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

"Parabenizo a FCCB, pelo relevantíssimo trabalho desenvolvido para a memória da nossa querida Araxá, através da revista "O Trem da História", o que nos enche a nós, araxaenses, de muito orgulho e gratidão. Obrigada pelas belas recordações que nos trazem grandes alegrias e saudades".

Dulce Helena Guimarães de Oliveira – Campinas/SP

"Tenho me divertido lendo "O Trem da História". Genial, lá estão muitas passagens, fisionomias. Exatamente aquelas guardadas no fundo da memória, no morno do pensamento".

Mara Jaekel - Alemanha

"A festa que aconteceu no dia 12 de outubro de 2005 na Praça Célia Montandon, Mangueira II, para as crianças carentes de nossa cidade, em comemoração ao dia delas, foi um sucesso. Devemos muito ao apoio da Fundação Cultural Calmon Barreto".

Eustáquio Pereira – Vereador em Araxá/MG

"Em nome da Equipe dos Museus, agradeço nossa participação na revista "O Trem da História" e os cumprimentos pelo sucesso de sempre".

Cátia Lemos - Diretora dos Museus da FCCB

"A direção do Colégio São Domingos agradece a doação de livros enviados à biblioteca. Serão de grande utilidade e podem ter certeza de que vieram enriquecer o nosso acervo".

Neusa Amaral Afonso Costa - Colégio São Domingos/Araxá/MG

"O lançamento da revista "O Trem da História", focando a personalidade dos ex-prefeitos de Araxá, foi um sucesso... Parabéns a você pela brilhante iniciativa! Cumprimentos extensivos a essa equipe competente da Fundação Cultural Calmon Barreto. Abraços."

Marlene Borges Pereira - Secretária Municipal de Educação de Araxá/MG

"...Sentimo-nos engrandecidos pela valorização pessoal e por termos nosso nome registrado para outras gerações, em documento tão sério e importante. Parabéns a você e a sua equipe, pela última edição de "O Trem da História".

Kleber Pereira Valeriano – Araxá/MG

"Vimos agradecer o apoio recebido para a realização do 3º. Encontro SESI de Artes Cênicas - Edição Araxá e Uberaba. O apoio da Fundação Calmon Barreto foi fundamental para a realização e o sucesso do evento."

Lívia Ferolla - Gerente do Centro de Cultura José Maria Barra - SESI/Uberaba

"Senhora Secretária da Cultura, Magaly Cunha, somos alunos da Escola José Bento e moradores da região da Boca da Mata. Estamos escrevendo para agradecê-la pelo Cine-rural. Foi uma festa muito legal, nos divertimos muito junto com nossa família. Obrigado também pela pipoca e o guaraná. Estamos esperando por outro filme. Um abraço enorme".

Luana - Fase II – Araxá/MG

Errata

Na revista O Trem da História, edição nº 40, na matéria "Clube Brasil e seus eventos sociais", na página 42, a terceira foto está com a identificação das pessoas erroneamente apresentada. Aqui registramos, na íntegra, a versão correta:

FESTA COUNTRY Anos 60

Da esquerda para a direita: Gilda Paiva, Maria Josefina de Abreu Tomasovich, Raquel Paiva, Silvéria Maria Aguiar (Silverinha), Raquel Aguiar, Maria Isabel de Ávila (Bebel) e Marina Lemos. Acervo: Marina Drummond de Paula Lemos Rios.

Obras em andamento.



Canalização Avenida Rosalvo Santos.



Aterro sanitário - parceria com Bunge e Feam.



Ministério Público - parceria Prefeitura e Governo de Minas.



Bem Brasil - parceria Prefeitura e Iniciativa Privada.



Viaduto Max Neumann.



Creche Bairro Ana Antônia.